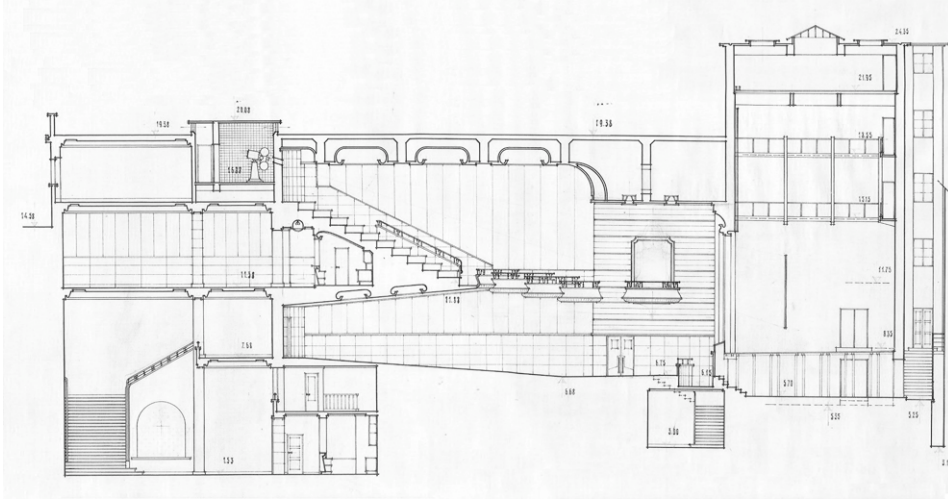


102

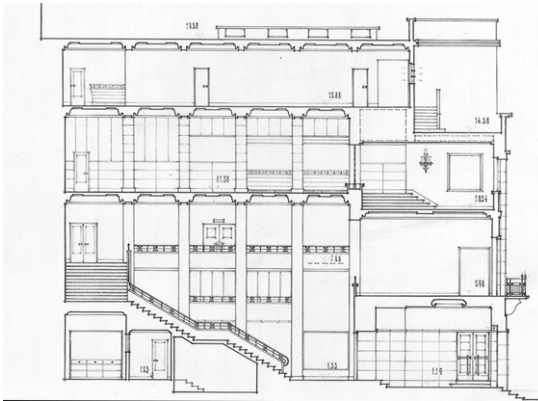
Fig.100 – Covilhanense – Planta ao nível do piso de entrada – Esc. 1/400

Fig.101 – Covilhanense – Planta ao nível do 1º piso, correspondente ao nível da plateia – Esc. 1/400

Fig.102 – Covilhanense – Planta ao nível do 2º piso, correspondente ao nível do balcão – Esc. 1/400



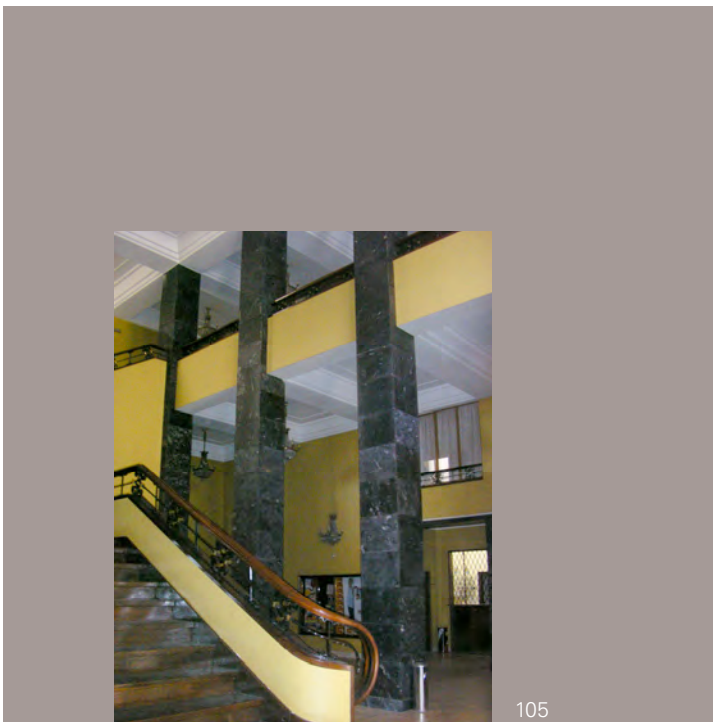
103



104

Fig.103 – Covilhanense – Corte longitudinal pelo interior da sala – Esc. 1/400

Fig.104 – Covilhanense – Corte transversal pelo foyer de entrada – Esc. 1/400



105

Fig.105 – Covilhanense – Evidência da imponência do foyer de entrada



106

Fig.106 – Covilhanense – Interior da sala de espectáculos, onde ainda se pode notar a diferença entre as cadeiras das filas da frente e as restantes

O desenho da sala revela as preocupações habituais com a boa visibilidade, acústica, conforto, iluminação indirecta e ainda segurança, existindo para isso duas saídas de emergência pela frente da sala, que conduzem os espectadores até ao exterior.

Camarins e arrecadações situam-se lateralmente ao palco, com acesso ao exterior pelo saguão existente entre a caixa de palco e o edifício adjacente.

A escadaria que se desenvolve no interior da torre sinalizadora, com entrada independente pela rua, permite o acesso ao último piso, onde se situa a cabine e restante zona técnica, funcionando também como saída de emergência.

A composição geral do edifício define-se entre uma proximidade com a escala, articulação das fachadas e linearidade dos volumes do *Avenida*, e entre a monumentalidade, austeridade e verticalidade do *Monumental*, reforçada pela galeria em arcada no piso térreo e pelas colunas dos pisos superiores. No entanto, o *Covilhanense* é mais marcado por um estilo regionalista, evidente no coruchéu que coroa a torre sinalizadora e na utilização da pedra granítica, como seria característico de uma cidade mais do interior, não tão “urbana” como Lisboa, ou mesmo Aveiro.



107

Messias – Mealhada (anos 50)

O Cine-Teatro *Messias* na Mealhada, construído no início da década de 50, encomendado pela família Messias, vinha colmatar uma lacuna na localidade, até aqui sem cinema.

Situado num local amplo, separado do centro da povoação pela Estrada Nacional nº1, o *Messias* encontra-se isolado por todos os lados. Sem edifícios envolventes que condicionem a sua implantação, o arquitecto dispõe o edifício paralelamente à estrada, com entrada principal no gaveto mais próximo do centro da vila (Fig.107).

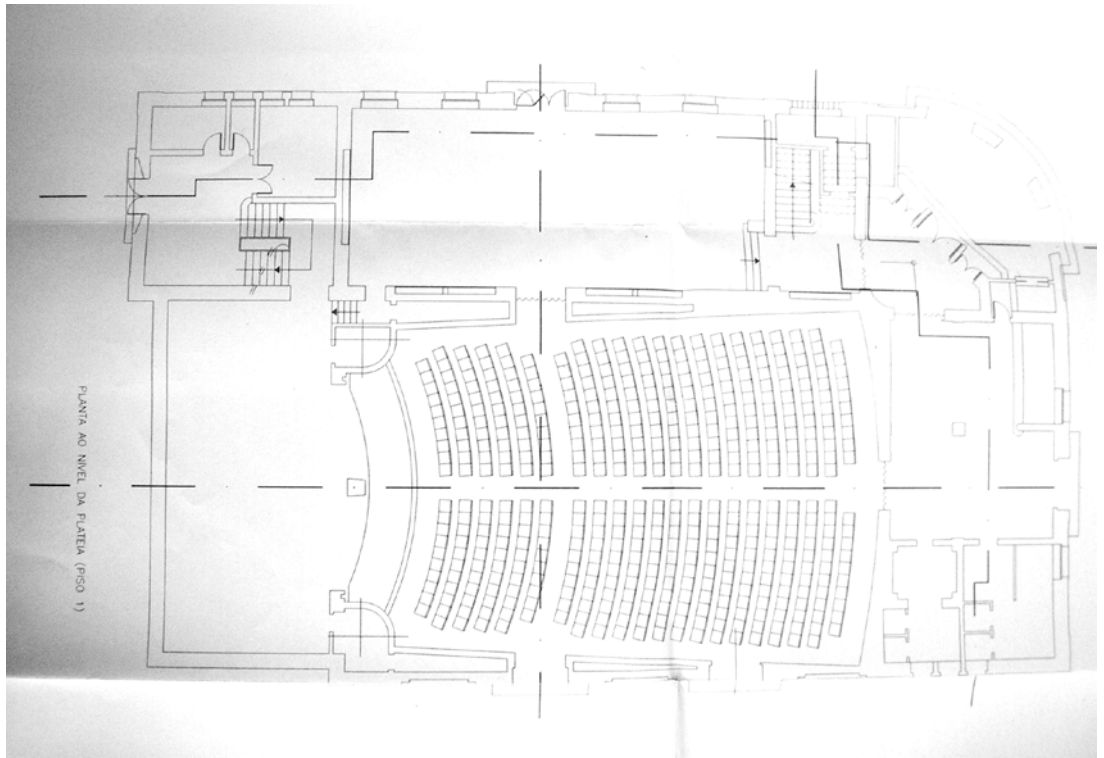
Seguindo uma disposição interna semelhante à do *Avenida* e do *Império*, embora aqui simplificada pela redução do número de acessos e de espaços de circulação e de permanência, o arquitecto encosta a sala às fachadas opostas às que formam o gaveto, libertando estas últimas para espaços mais “nobres” (Figs.108 e 109).

Assim sendo, à fachada principal mais comprida, paralela à estrada, corresponde uma sala de exposições no piso térreo e um salão de festas no 1º piso; enquanto à fachada mais estreita, corresponde o foyer da plateia no piso térreo e o bar no 1º piso (Figs.110 e 111). O acesso vertical entre os vários pisos faz-se por meio de uma escada situada lateralmente ao vestíbulo de entrada, que se desenvolve a toda a altura no interior da torre sinalizadora (Fig.112).

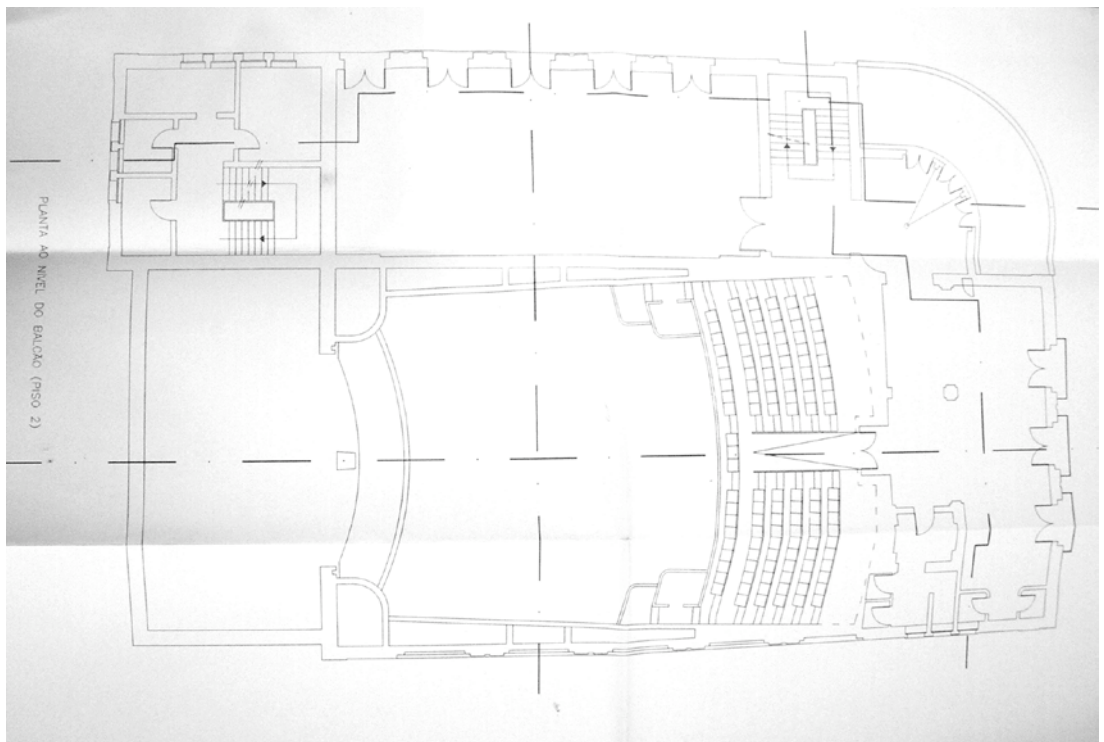
Fig.107 – Messias – Enquadramento do edifício

Fig.108 – Messias – Planta ao nível do piso de entrada

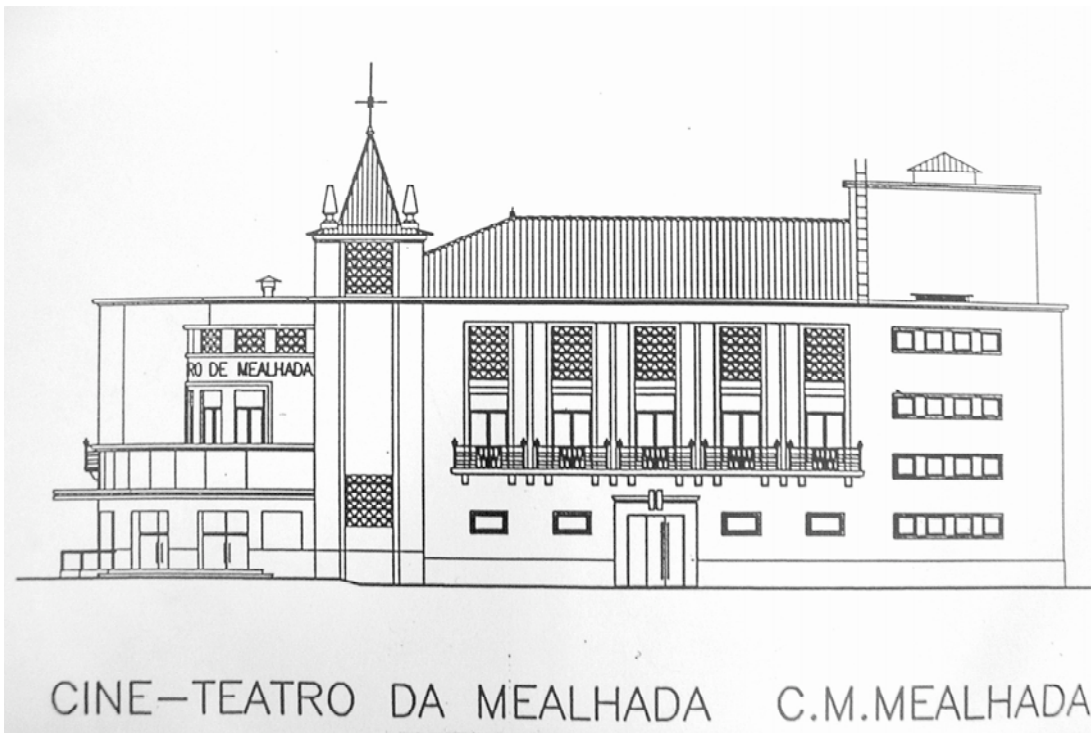
Fig.109 – Messias - Planta ao nível do 1º piso



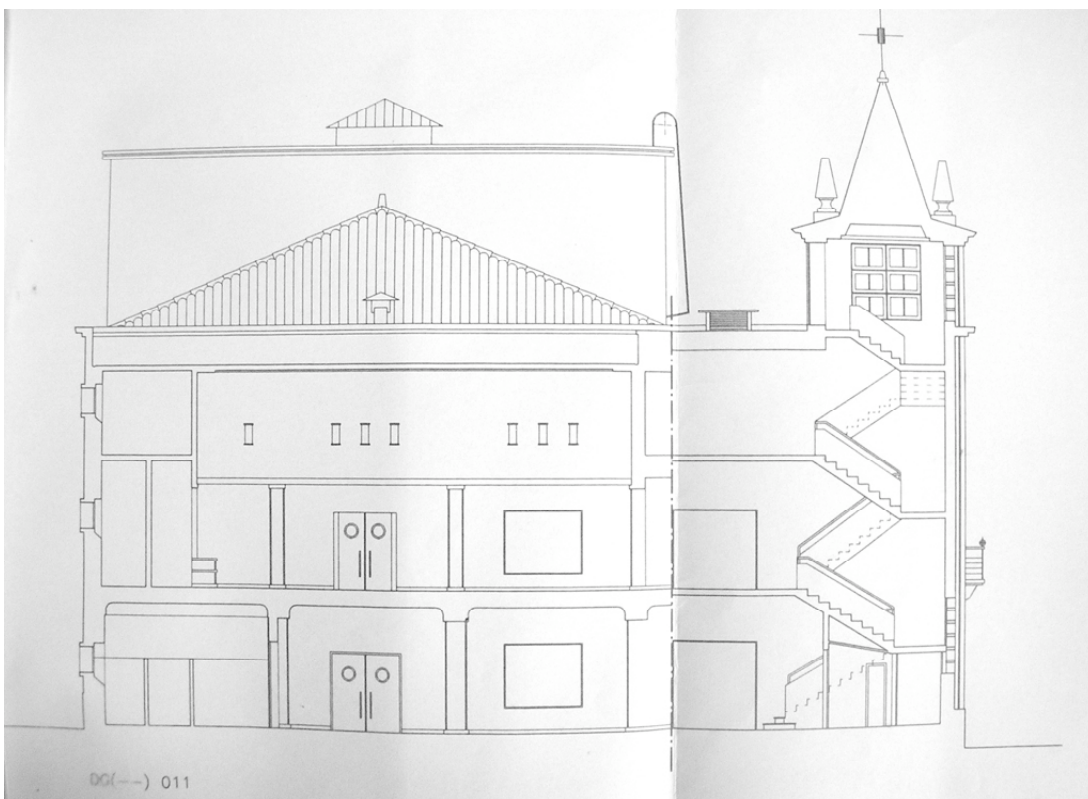
108



109



110



112

Fig.110 – Messias – Fachada lateral mais comprida

Fig.111 – Messias - Fachada lateral mais estreita

Fig.112 – Messias – Corte transversal pelo interior da torre





113

114





115

116



Fig. 113 – Messias – Fachada lateral mais representativa

Fig. 114 – Messias – Torre sinalizadora coroadada com coruchéu e pináseos de pedra

Fig. 115 – Messias – Corpo do gaveto demarcando a entrada

Fig. 116 – Messias – Fachada posterior ao palco

A sala, com uma lotação de 620 lugares, segue a disposição habitual dos outros cine-teatros. Com plateia e balcão paralelos ao ecrã, pavimentos devidamente inclinados, paredes revestidas e sem decoração aposta e saídas de emergência em número suficiente. O palco comunica directamente com o corpo dos camarins, que tem acesso independente pelo exterior.

Seria precisamente pelo exterior que este edifício se afastaria mais do Avenida ou do Império. Localizado numa zona mais rural ou de província, o edifício é caracterizado por um conjunto de elementos mais tradicionais que conferem ao edifício uma imagem mais regionalista (Figs. 113 e 114). Elementos decorativos como grelhas cerâmicas no topo dos vãos e no cimo da torre, guardas trabalhadas em ferro forjado, coruchéu e pináseos de pedra, dominam a composição das fachadas, “camuflando” uma volumetria simples e bem articulada. O corpo do gaveto, sem tantos elementos decorativos, com a pala saliente e o recuo do corpo superior, por forma a destacar a entrada, a par com a fachada posterior ao palco, de linhas simples e janelas circulares, revelam uma linguagem mais moderna por parte do arquitecto (Figs. 115 e 116).

Este edifício seria o último cine-teatro projectado por Rodrigues Lima nesta fase “pesada” do Estado Novo, curiosamente ou inevitavelmente, seria também o mais regionalista.

Notas:

1 Segundo Margarida Acciaiuoli, *op. cit.*, p.155

2 José Fernando Gonçalves, *op. cit.*, p.2

3 Raul Rodrigues Lima, *Memória descritiva e justificativa do ante-projecto do cine-teatro Micaelense a construir em Ponta Delgada*, in Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima, p.1 e 2

4 Jornal O Democrata, 5 de Fevereiro de 1949, citado por Sara Cruz in *A arquitectura da Avenida: a construção da Avenida Dr. Lourenço Peixinho em Aveiro*, prova final apresentada ao departamento de arquitectura da FCTUC, Coimbra, Outubro, 2005, p.86 e 87

5 Ibidem, p.87

6 Ministro da Educação Nacional, citado por Rodrigues Lima in *Memória descritiva e justificativa das alterações a fazer na casa de espectáculos “Monumental”*, in Processo de Obra nº 1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1963, p.2

7 José Manuel Fernandes, *op. cit.*, p.102

8 Ibidem, p.100

9 Ibidem, p.102

10 Raul Rodrigues Lima, *Memória descritiva e justificativa do projecto para a construção de uma sala de espectáculos na Praça Duque de Saldanha*, em Lisboa, in Processo de Obra nº 1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1944, p.2

11 Parecer da Câmara Municipal de Lisboa em relação à construção de uma casa de espectáculos para a Praça Duque de Saldanha, in processo de Obra nº1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1945

12 José Manuel Fernandes, “Monumental, Monumental”, in revista *Arquitectura*, nº152, Maio / Junho 1984, p.70

13 Ibidem, p.71

14 João de Sousa Rodolfo, *op. cit.*, p.135

15 Raul Rodrigues Lima, *Memória descritiva e justificativa do projecto de uma sala de espectáculos a construir na cidade de Nova Lisboa*, in Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima, p.4

16 Ibidem, p.36

17 Sociedade “Teatro Micaelense”, aquando da encomenda do projecto ao arquitecto Rodrigues Lima, p.1

18 Manuel Salgado, “Teatro Micaelense, Uma Modernização Pacífica”, in *Teatro Micaelense, Centro Cultural e de Congressos, SA*

19 Sociedade “Teatro Micaelense”, op. cit., p.1

20 Raul Rodrigues Lima, *Memória descritiva e justificativa do ante-projecto do cine-teatro Micaelense a construir em Ponta Delgada*, in Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima, p.6

21 Sr. Vereador Doutor António Carvalho, in *Actas das Sessões de Câmara, Sessão de Câmara de 22 de Abril de 1942*, p. 46 a 48

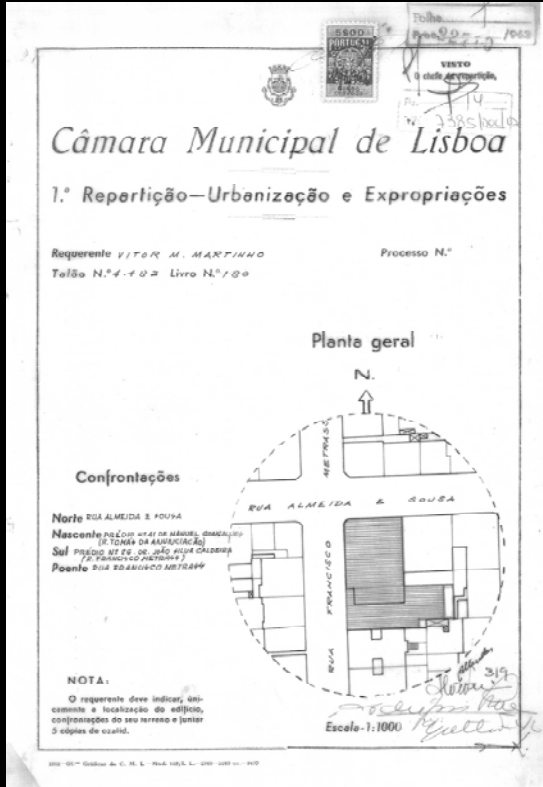


Fig.1 – Europa - Planta de implantação, assinado por Arq. Rodrigues Lima e Arq. Antero Ferreira

Fig.2 – Europa – Gaveto destacado pela aplicação de motivos decorativos

2.3. A RETOMA DO MODERNISMO: O CINEMA EUROPA

É já nos anos 60 que Rodrigues Lima, em parceria inicial com o arquitecto Antero Ferreira, projecta um novo cinema para o bairro de Campo de Ourique em Lisboa.

Vindo substituir o antigo cinema *Europa* dos anos 30, do arquitecto Raul Martins, o novo *Europa* constitui uma das últimas grandes salas construídas exclusivamente para cinema.

Numa altura em que a televisão começa a fazer parte da vida das pessoas e que o crescente uso do automóvel propicia outro tipo de lazer, as salas de cinema de grandes dimensões deixam de ser rentáveis. Esse facto aliado à mudança da legislação, que finalmente permite “que se construam cinemas integrados em edifícios com outras funções”¹, vai originar uma mudança drástica na arquitectura de cinemas: os grandes edifícios que ocupavam parcelas inteiras nos centros das cidades, contribuindo para a sua animação e para a sua identidade, dão agora lugar a complexos de multi-salas mais pequenas, situadas nas caves dos prédios ou em centros comerciais.

Contudo, o novo *Europa*, destinado a servir um bairro com alguma dimensão e tradição nos hábitos sociais, e apresentando algumas novidades como o “ecrã gigante” e som estereofónico, vai constituir uma nova referência no panorama das salas de Lisboa.

Às novidades técnicas a nível da projecção cinematográfica, outras corresponderiam, agora ao nível da disposição e formalização interior do espaço cinema. Numa época em que já se sente em Portugal um novo fôlego do modernismo na arquitectura, e em que a força do regime do Estado Novo, com as suas imposições e restrições arquitectónicas, diminui, o novo *Europa* apresenta-se como um cinema claramente moderno, mais pela sua disposição interna do que pela composição exterior.

Ocupando um lote rectangular no gaveto de um quarteirão constituinte da malha urbana do bairro de Campo de Ourique, o novo cinema apresenta uma escala contida (possibilitada pela exclusividade ao programa cinema, dispensando a caixa de palco e demais dependências), integrando-se perfeitamente no conjunto arquitectónico (Figs.1 e 2).

De linhas sóbrias, cobertura plana, piso de entrada ligeiramente

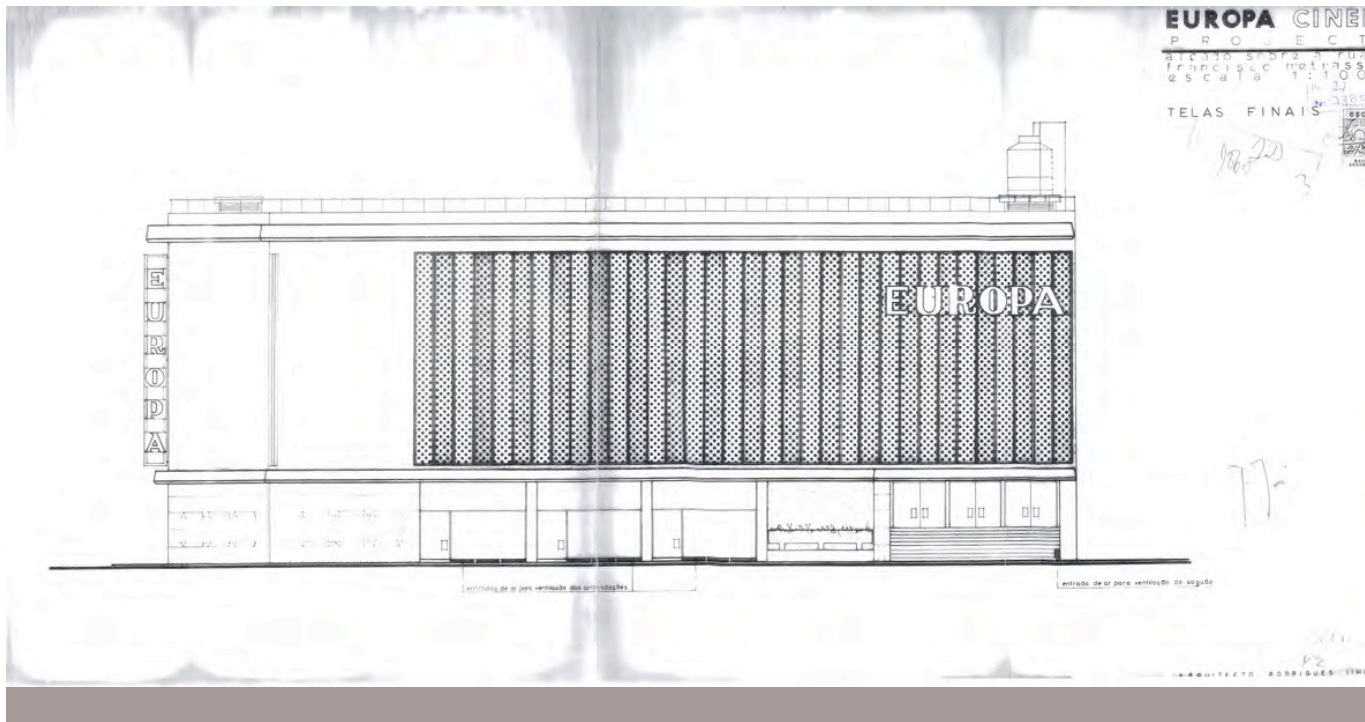
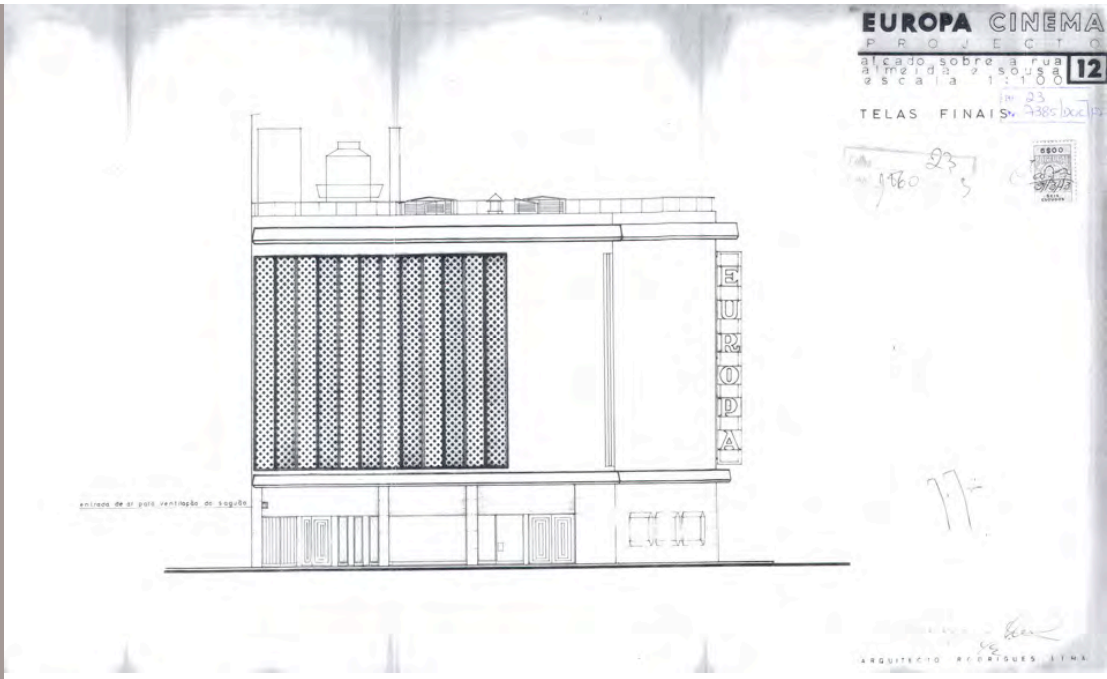


Fig.3 – Europa – Alçado sobre a rua Francisco Metrass, assinado por Arqu. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

recuado, o edifício apresenta um tratamento semelhante ao nível das duas fachadas, destacando antes o gaveto que, por meio de um chanfro, é aproveitado para painel decorativo, comportando um motivo de baixo relevo e um letreiro luminoso. As fachadas, correspondendo às paredes laterais da sala de cinema, não possuem qualquer tipo de abertura, sendo antes animadas por panos de grelhas onduladas, perfeitamente enquadradas por dois frisos horizontais que integram projectores para as iluminar de noite (Figs.3 a 5).

A sala, ocupando a totalidade do lote, desenvolve-se segundo um eixo paralelo à fachada mais comprida, enquanto o corpo da entrada e espaços de circulação, com acesso pelo extremo dessa mesma fachada, se desenvolve segundo um eixo perpendicular à sala, aproveitando o vazio por baixo do balcão, e prolongando-se para um pátio no interior do quarteirão (Figs.6 e 7).

A entrada efectua-se assim por meio de um vestíbulo semi-exterior que contém as bilheteiras, como acontecia na maioria dos cinemas e cine-teatros de Rodrigues Lima, permitindo depois o acesso ao espaço interior por meio de uma pequena escadaria e um conjunto de portas. Uma vez dentro do edifício, o espaço desenvolve-se livremente, com uma fluidez e sequencia natural de foyers, bar e acessos, permitindo ao espectador uma leitura global clara do espaço (Fig.8).



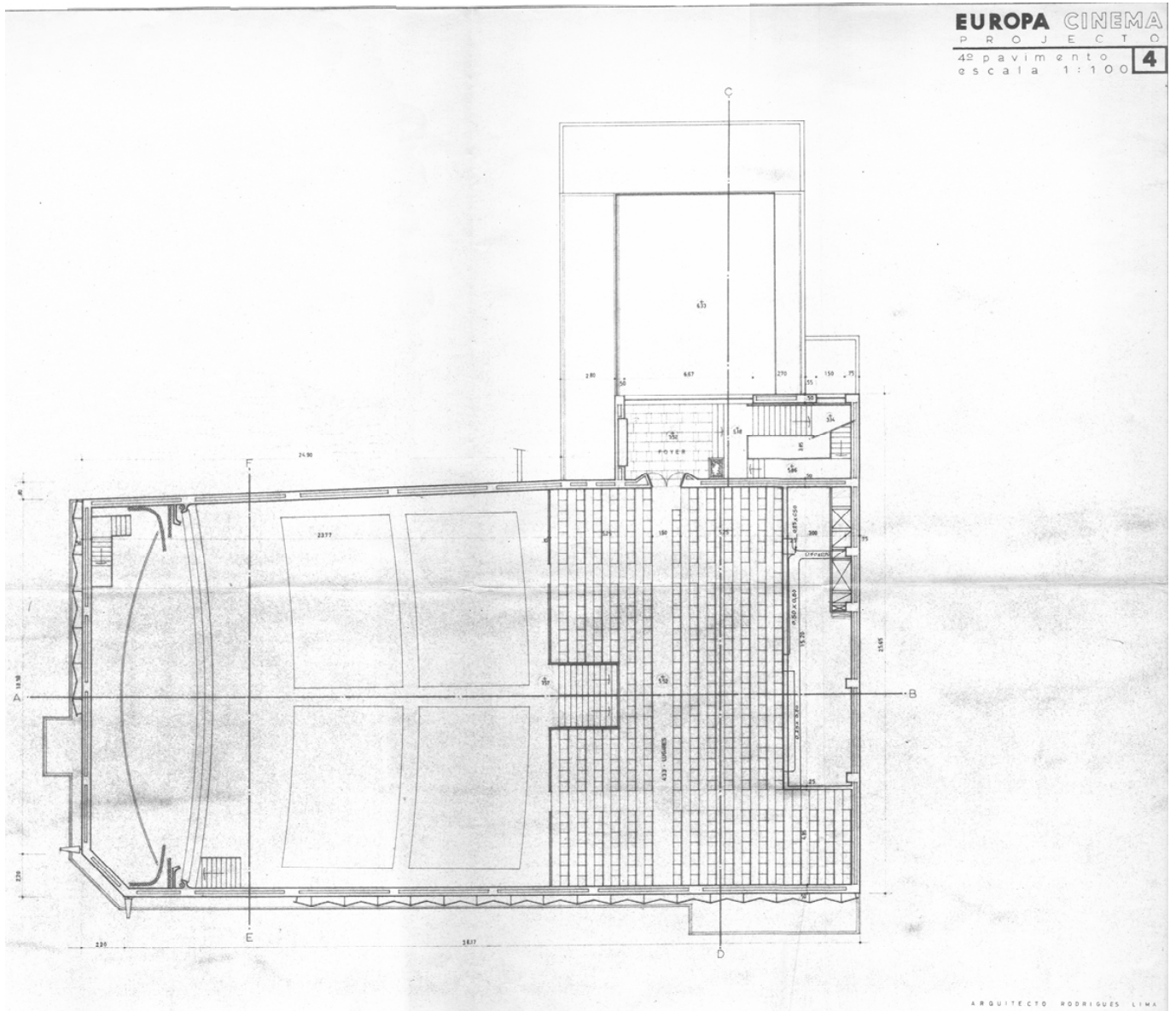
4

Fig.4 – Europa – Alçado sobre a rua Almeida e Sousa, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.5 – Europa – Fachada animada por grelhas onduladas.



5

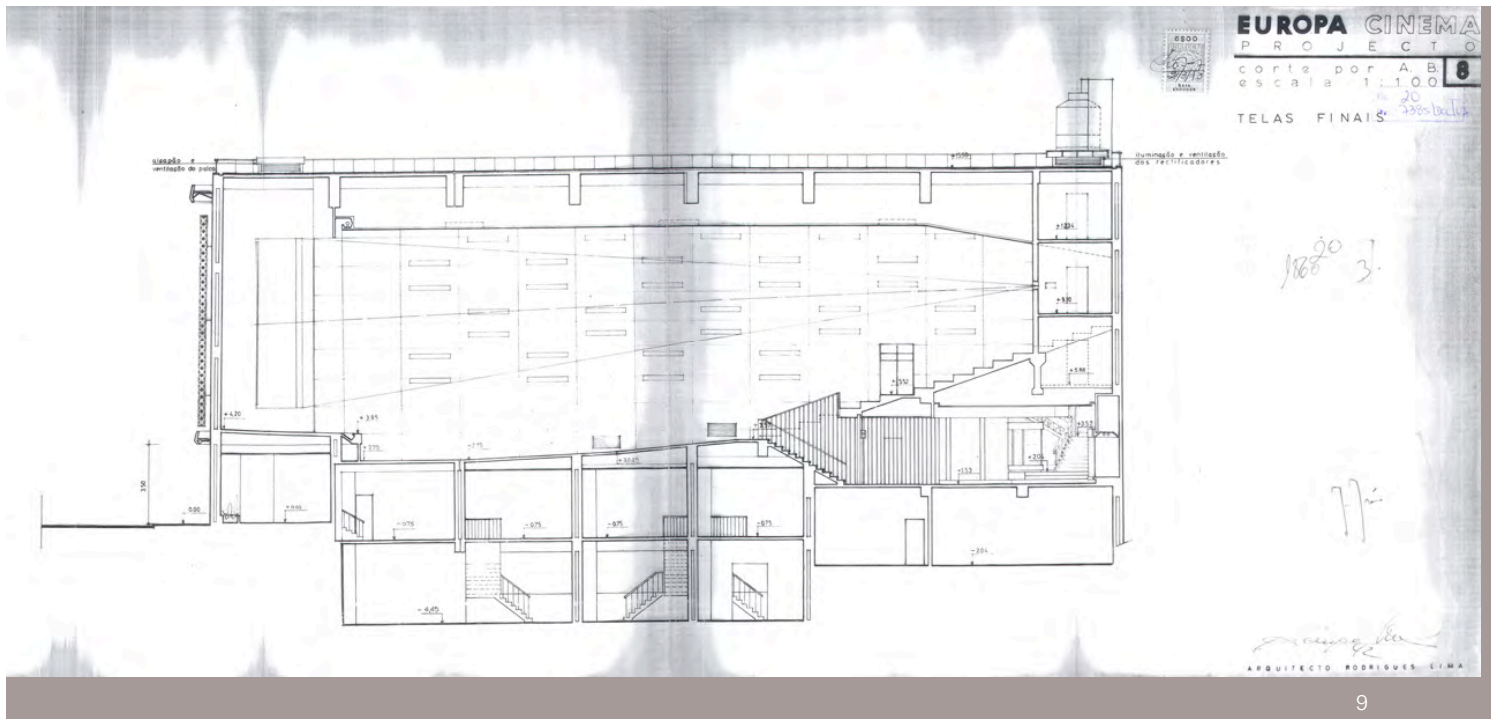


7

Fig.6 – Europa – Planta ao nível do piso de entrada, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.7 – Europa – Planta ao nível do 1º piso, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.8 – Europa – Imagem do foyer, onde um jogo de painéis de madeira que animam o tecto e um vitral colorido na parede do fundo, constituem a principal decoração

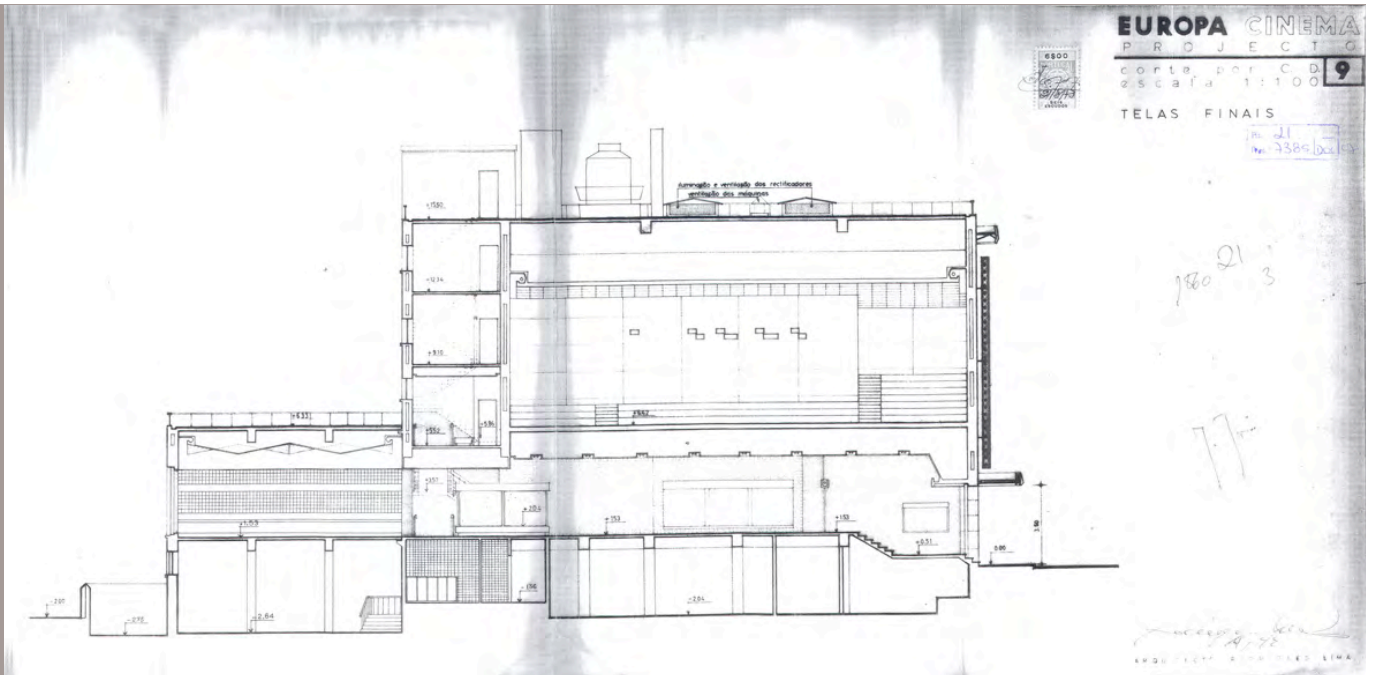


A sala, disposta em “rampa”, na qual plateia e balcões surgem em continuidade, sem as separações habituais em diferentes níveis ou pisos, constitui a maior novidade deste cinema, permitindo uma maior unidade espacial e evitando o crescimento desnecessário em altura (Figs.9 e 10). Os acessos à mesma, fazem-se por uma porta lateral ao foyer de entrada que, por meio de uma pequena escada, conduz os espectadores às primeiras filas, ou por outra porta no foyer do piso superior, que dá directamente para as últimas filas da sala. Esta sala, sem qualquer decoração aplicada, dispondo os espectadores paralelamente ao ecrã, tem como único objectivo proporcionar aos espectadores, boa visibilidade, audibilidade, conforto e segurança.

A fluidez espacial, por oposição à compartimentação, multiplicação e complexidade de espaços que compunham os cine-teatros de Rodrigues Lima, ou a introdução de painéis de madeira e vitrais coloridos como forma de decorar o espaço, em contraste com os pesados lustres e ferros forjados trabalhados que enriqueciam os “salões nobres”, ou ainda a disposição da sala em rampa contínua, de modo a conferir maior unidade ao espaço interno, distanciando-se da duplicação de balcões que estratificavam as salas dos cine-teatros, traduzem claramente um outro entendimento do espaço cinema.

Fig.9 – Europa – Corte longitudinal pelo interior da sala, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

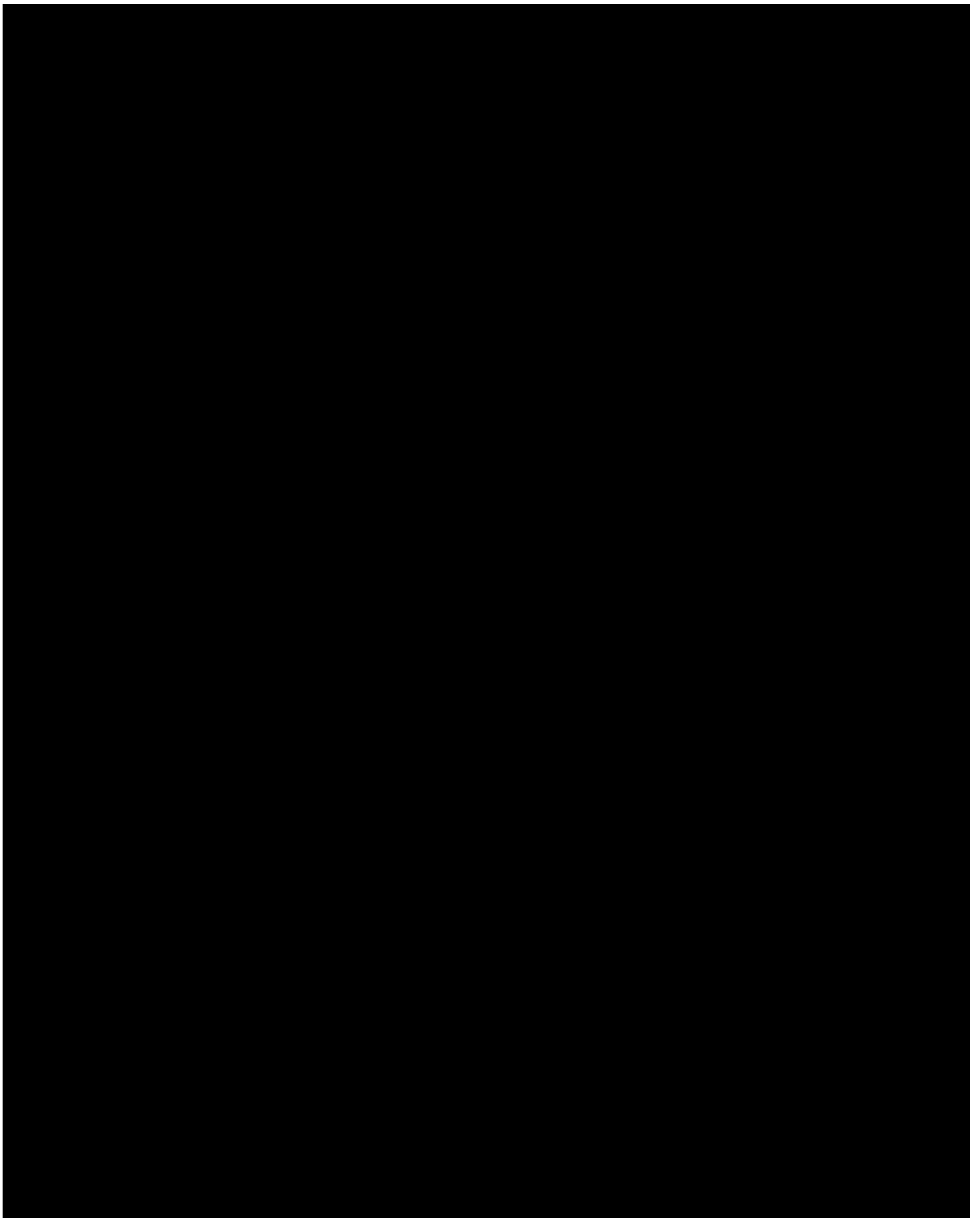
Fig.10 – Europa – Corte transversal pelo interior da sala, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400



10

Notas:

1 José Manuel Fernandes, op. cit., 1995, p.12



CONCLUSÃO

Numa altura em que a arquitectura de cinemas como arquitectura específica para um programa novo, com uma identidade e imagem reconhecíveis, dava os primeiros passos, fazendo-se as primeiras experiências tanto em Portugal como no estrangeiro (com estudos e debates ainda recentes sobre as melhores disposições para esta arquitectura), e num país afastado da realidade industrial, onde o modernismo se associava a uma “imagem”, ou codificação formal e não ao objecto arquitectónico na sua totalidade, o *Cinearte*, primeiro cinema projectado por Rodrigues Lima, assentando em princípios claros de funcionalidade, apresentando uma volumetria e configuração global bastante apropriada ao local e ao programa em questão, inovando na composição do que seria uma “fachada publicitária”, anuncia-se como uma promessa, não só no percurso do arquitecto, como no próprio panorama da arquitectura de cinemas em Portugal.

Contudo, essa promessa não se cumpriria, ou pelo menos, não nos anos que se seguiriam. Alvo da política de um Estado que apoiara inicialmente a actividade dos arquitectos, dando-lhes protagonismo e reconhecimento, e que agora os “arrasta” consigo na divulgação de uma nova imagem que se queria para o país, consagrada na exposição do Mundo Português em 1940, na qual participam muitos dos arquitectos pertencentes à primeira “geração moderna”, o país conheceria uma viragem no rumo da produção arquitectónica.

Os mesmos arquitectos que haviam lançado as bases de uma arquitectura moderna em Portugal, adoptam agora um estilo nacional, recorrendo a princípios de composição clássicos e aplicando todo um conjunto de elementos decorativos, que se sobrepõem a uma linguagem espacial e formal modernista.

É neste panorama, e seguindo estas premissas, que Rodrigues Lima constrói grande parte da sua obra, incluindo a maioria dos cinemas/cine-teatros. Abandonando a linguagem mais racionalista do *Cinearte*, o conjunto dos cine-teatros que o arquitecto constrói durante a década de 40 e início da década de 50, é caracterizado por uma hesitação ou indefinição estilística, entre volumetrias e composições mais modernas e estilizações

mais revivalistas, também proporcionada pela própria mistura dos programas de cinema e teatro.

A junção dos dois programas num só edifício, não só interfere na organização espacial e funcional, originando uma maior complexidade na articulação dos espaços, como interfere na composição e formalização do exterior do edifício: sendo natural que, sem um programa concreto e sem uma identidade específica, os edifícios traduzam essa ambiguidade na composição das suas fachadas.

No conjunto dos cine-teatros de Rodrigues Lima, não se pode falar de evolução, uma vez que muitos deles são contemporâneos, ou bastante próximos uns dos outros, mas antes de uma adaptação ao local. Seguindo basicamente os mesmos princípios compositivos, a mesma linguagem e articulação espacial, o arquitecto reunia já um conjunto de soluções-tipo que ia adaptando e modelando conforme o local¹. Deste modo, vemos os seus cine-teatros ganharem escala, elementos decorativos e princípios compositivos de acordo com a importância, dimensão e carácter das cidades ou povoações que se destinam a servir.

Integrando planos de urbanização mais alargados, como é o caso do *Micaelense* em Ponta Delgada, ou do *Covilhanense* na Covilhã, ou ocupando posições estratégicas em centros de cidades importantes como o *Monumental* em Lisboa, ou o *Avenida* em Aveiro, os projectos destes cine-teatros são muito condicionados pelos poderes municipais, ou pelos outros clientes, por forma a tornarem-se elementos de referência nas cidades e a integrarem-se devidamente nos conjuntos urbanos, contribuindo assim para a consolidação da estrutura urbana. Estes quatro cine-teatros, são precisamente os que apresentam maior escala, ainda que, com caracteres diferentes: correspondendo o *Avenida* e o *Monumental* a cidades mais “urbanas”, personalizam a vertente mais monumental do estilo nacional, com verticalidade e simetria acentuadas e servindo de suporte à simbologia do Poder, com padrões salientes, mastros, e esferas armilares; enquanto o *Micaelense* e o *Covilhanense*, correspondendo a cidades não tão “urbanas”, integram a vertente mais regionalista do estilo nacional, comportando coruchéus no cimo das torres, varandas trabalhadas em ferro forjado e remate dos cunhais a pedra.

Com uma escala mais reduzida, o *Império* de Lagos e o *Messias* da

Mealhada, apresentam uma composição volumétrica e disposição interna aproximadas, embora com um carácter diferente. O *Império*, devidamente integrado no tecido urbano do centro de Lagos, apresenta uma escala um pouco mais reduzida, uma decoração mais contida e uma predominância de linhas direitas, ganhando um carácter mais urbano, enquanto o *Messias*, em ambiente mais de “província”, afastado do centro da povoação, adquire uma escala maior e um cunho mais regionalista com decoração mais pesada.

O *Cine-teatro de Estarreja* e o *Ruacaná* de Nova Lisboa (se atentarmos no corpo da sala de espectáculos), apresentam também uma escala, composição de fachada e disposição interna semelhantes, distinguindo-se dos restantes cine-teatros pelo desenvolvimento linear que apresentam. Sem grandes espaços de reunião, reduzidos ao essencial para o bom funcionamento do edifício, apresentam uma maior clareza e funcionalidade. As armas da cidade de Nova Lisboa sobre a torre do *Ruacaná*, ou as grelhas em forma de dente de serra que decoram a torre do *Cine-teatro de Estarreja*, dão o cunho nacional aos edifícios.

Profundamente marcado pelos ideais e modelos arquitectónicos do regime do Estado Novo, principalmente devido à quantidade de programas oficiais que projectou (dezenas de Palácios de Justiça e cadeias por todo o país), o arquitecto Rodrigues Lima terá sido um dos que “melhor soube inventar e reproduzir a sensibilidade estética herdada de Duarte Pacheco, (...) e que também era a de Oliveira Salazar.”² O cinema-teatro *Monumental*, é exemplo claro dessa imagem ou sensibilidade estética, revelando uma austeridade neoclássica, com um vocabulário inspirado na arquitectura do fascismo italiano ou nazi, que transmite uma ideia de autoridade e solenidade nada apropriada ao programa em questão (Fig.1). Se compararmos o *Monumental* com outros dois cinemas construídos em Lisboa na mesma altura, como o cine-teatro *Império* de Cassiano Branco, ou o cinema *S. Jorge* de Fernando Silva, apercebemo-nos que em nenhum deles essa austeridade, ou imponência do estilo nacional é tão vincada, o que revela que o *Monumental* terá sido fruto não só dos condicionalismos a que Rodrigues Lima terá sido sujeito, mas sobretudo da interiorização e assimilação desses valores por parte do arquitecto. O próprio Cassiano Branco, nas primeiras propostas para o cine-teatro *Império*, já depois de

1



2

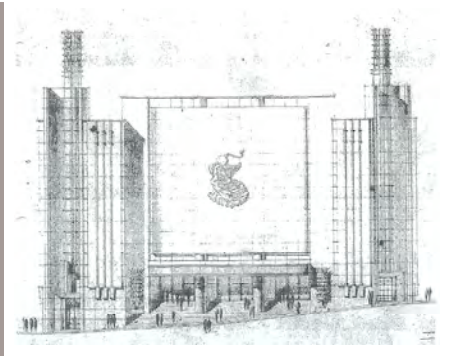


ter projectado o *Éden* e o *Coliseu do Porto*, adopta um estilo mais clássico – com as colunatas apostas enquadrando os grandes vãos de sacada, seguindo os princípios de simetria, axialidade e verticalidade – um estilo de certa maneira imposto pela “monumentalidade” do próprio local onde se implanta, a nova Alameda D. Afonso Henriques, revelando, no entanto, na linearidade das formas, na maneira como demarca a entrada com uma grande coluna em ferro e vidro, no jogo de volumes e planos verticais que se elevam, avançam e recuam, e sobretudo na disposição interna, sem grandes decorações apostas, de linhas direitas e articulando bem os espaços, uma maior liberdade e originalidade na composição global do edifício (Figs.2 a 4). O cinema *S. Jorge* por outro lado, enquadrado na cadeia de cinemas britânica dos modelos *Odeon*, deveria seguir certos princípios fisionómicos base, característicos da imagem de marca daqueles modelos. Deste modo, incorporando um conjunto de elementos de cariz mais internacionalista, sem estar sujeito a um controle tão forte como o *Monumental* ou mesmo o *Império*, o cinema *S. Jorge* retomaria a imagem e configuração modernas que deveriam caracterizar os cinemas (Fig.5).

O modernismo já presente no *S. Jorge*, começava agora a ganhar um novo fôlego, nomeadamente após o Congresso Nacional de Arquitectura de 1948, onde um conjunto de arquitectos, conscientes da realidade em

Fig.1 – Fachada principal do Monumental

Fig.2 – Estudos de Cassiano Branco para o cinema Império, 1945 e 1946



3



4



5

Fig.3 – Estudo de Cassiano Branco para o cinema Império, 1947

Fig.4 – Solução final do edifício, integrando muitas das ideias de Cassiano

Fig.5 – Cinema S.Jorge - Lisboa
Arq. Fernando Silva

questão, contesta contra as imposições do regime do Estado Novo.

Contudo, essa retoma do modernismo procede-se muito lentamente, uma vez que o regime, controlando as encomendas e condicionando os projectos, dificultava o abandono da linguagem mais nacionalista.

No início da década de 60, quando Rodrigues Lima projecta o novo cinema *Europa*, já se sente em Portugal uma nova era da arquitectura moderna, a que o arquitecto não é indiferente.

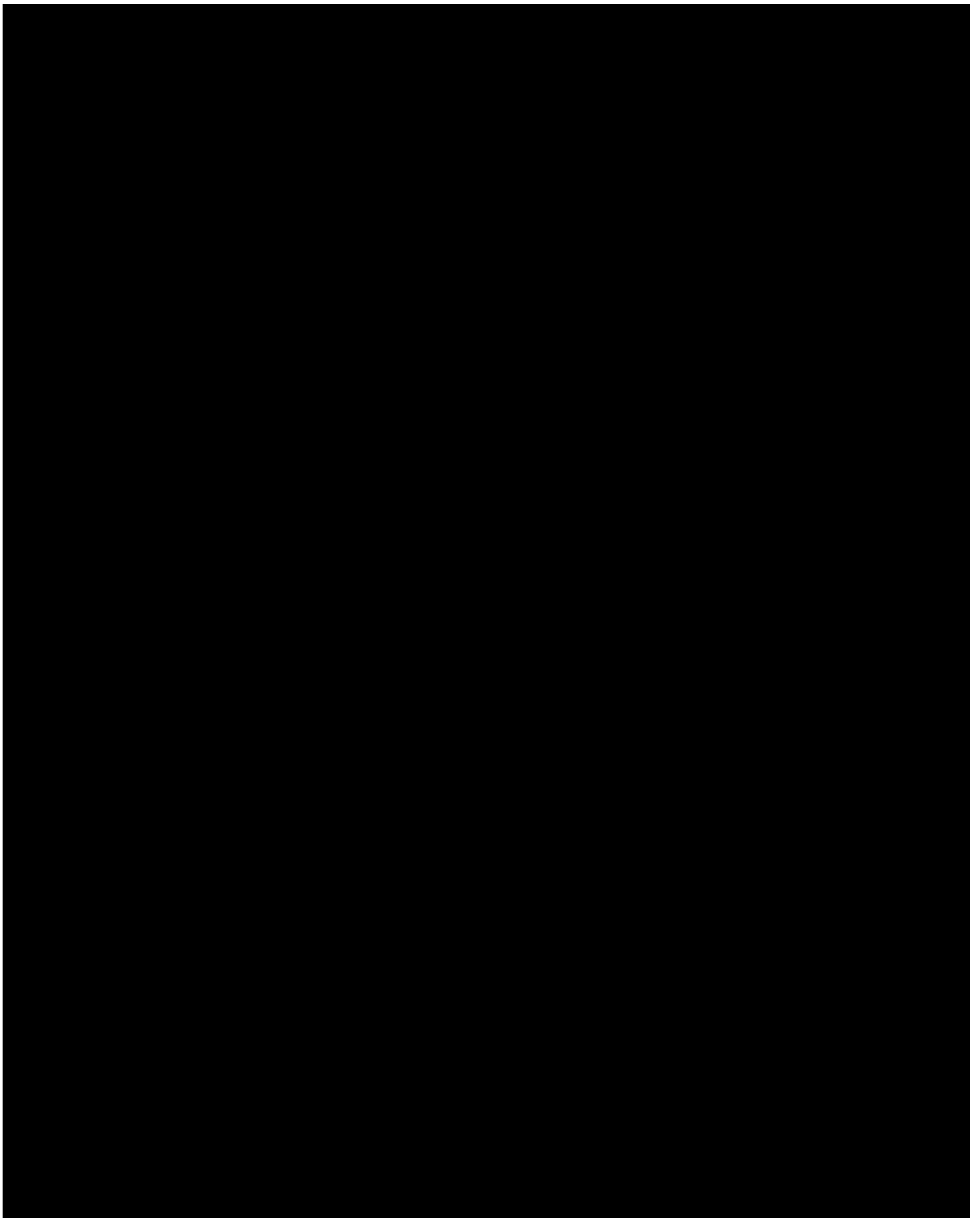
Com uma configuração formal mais contida pelo exterior, de linhas rectas e sóbrias, mas sem o dinamismo e a articulação de volumes que caracterizava o *Cinearte*, o seu interior, com foyers em *open space*, sala em rampa contínua, e ainda uma decoração integrada na própria arquitectura revela um entendimento muito claro dos princípios modernos.

Abandonando a imagem mais “industrial” do *Cinearte* e a euforia do mundo mecânico que caracterizava o primeiro modernismo, depois de atravessar uma fase mais eclética e pesada, de grande produção, o arquitecto revela agora um modernismo mais “maduro”, onde a perfeita integração do objecto no local, a utilização de materiais e técnicas construtivas actuais, a funcionalidade e clareza espacial constituem a base do projecto.

Notas:

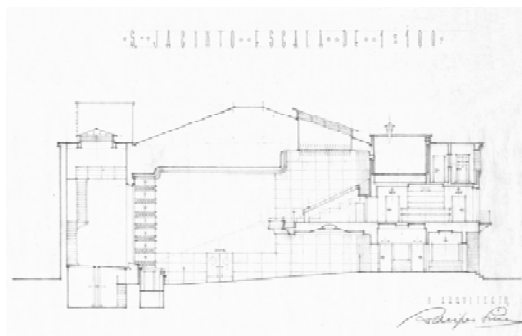
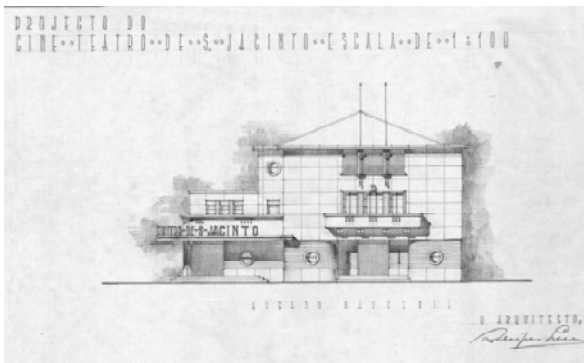
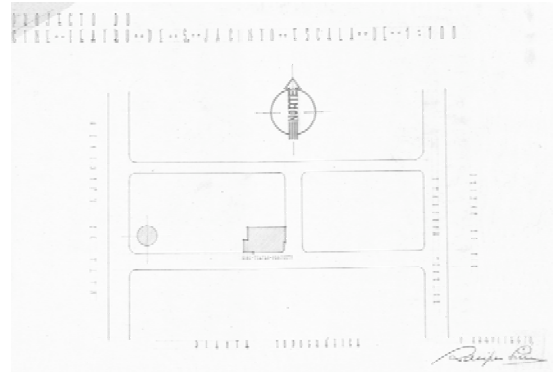
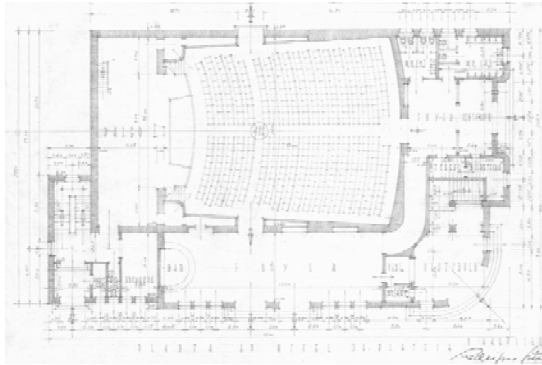
1 O que seria natural dada a quantidade de cinemas construídos no espaço de duas décadas, para além dos projectos de cinemas não construídos (apresentados em anexo)

2 António Manuel Nunes, *Espaços e Imagens da Justiça no Estado Novo – Templos da Justiça e Arte Judiciária*, Coleção Minerva-História, Edições MinervaCoimbra, Coimbra, 2003, p.108



ANEXOS

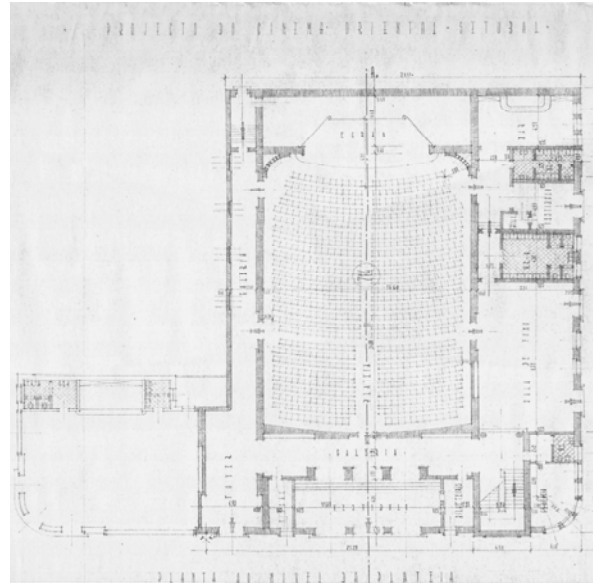
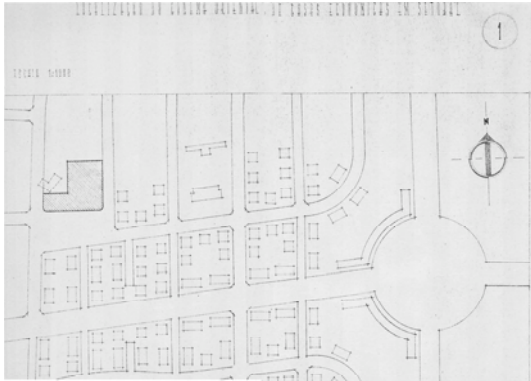
Para além dos oito cine-teatros construídos durante as décadas de 40 e 50, Rodrigues Lima é ainda autor de um conjunto de projectos para outros cine-teatros que não chegaram a ser construídos. Destinados a servir cidades ou povoações com características e dimensões diferentes, estes cine-teatros vão igualmente ganhar proporções, configurações e estilizações de acordo com os locais em que se inserem, seguindo globalmente as mesmas disposições e princípios. As soluções apresentadas são assim bastantes próximas das de alguns dos cine-teatros efectivamente construídos e já analisados, apresentando-se aqui em anexo os desenhos desses projectos (os desenhos encontram-se à escala aproximada de 1/600).



S. Jacinto – Aveiro

Este edifício, de menor escala, destinado a servir a zona da praia de S. Jacinto em Aveiro, teria como público alvo apenas a população local, na sua maioria pescadores.

Deste modo, e com vista a tornar-se mais do que um cine-teatro, um local de reunião e convívio, o corpo principal tem como complemento um corpo lateral mais baixo, onde funciona um foyer/bar, mas que, tendo acesso independente pelo exterior, pode funcionar autonomamente. Esta solução, aqui em escala reduzida, já havia sido ensaiada no *Ruacaná* cinema e teatro de Nova Lisboa.

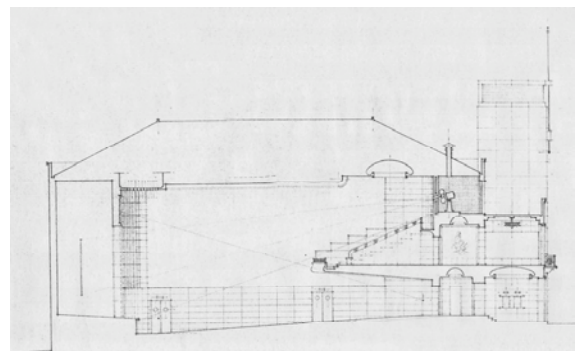
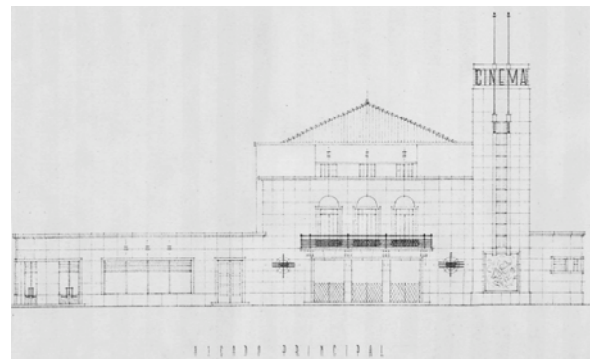


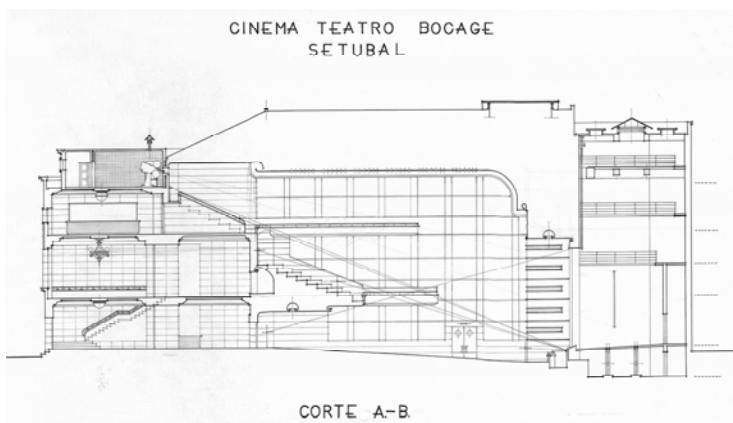
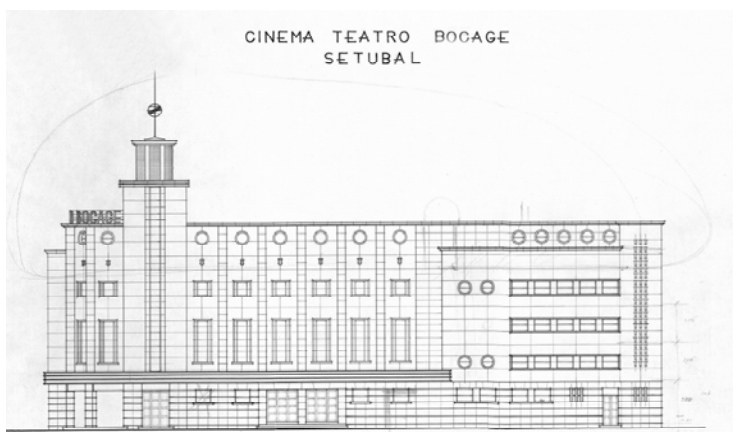
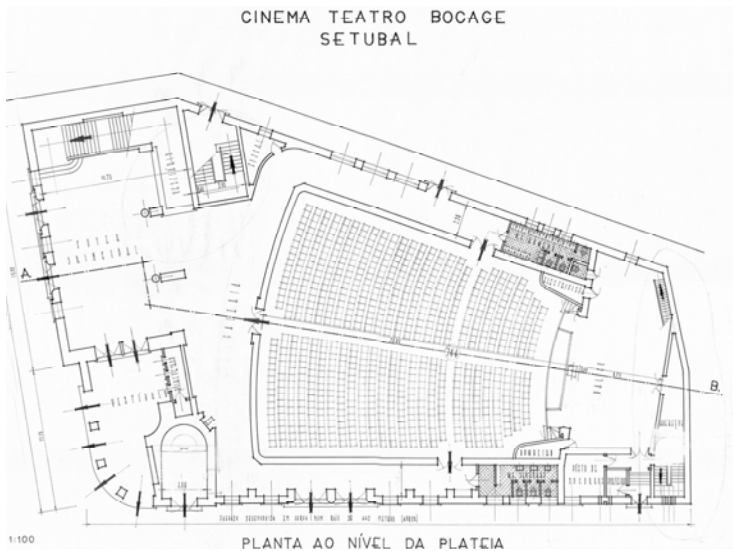
Oriental – Setúbal

Apresentando uma escala, disposição e até composição da fachada principal semelhantes ao *S. Jacinto*, este edifício visa igualmente servir uma população de dimensão reduzida, correspondente aos novos bairros em construção na zona oriental de Setúbal.

Comporta também dois corpos laterais mais baixos, um correspondente a um estabelecimento comercial com funcionamento totalmente independente, e outro em articulação com o corpo principal, funcionando como seu complemento.

A fachada principal, com a sua composição simétrica e torre lateral, faz também lembrar a fachada principal do *Ruacanã*.

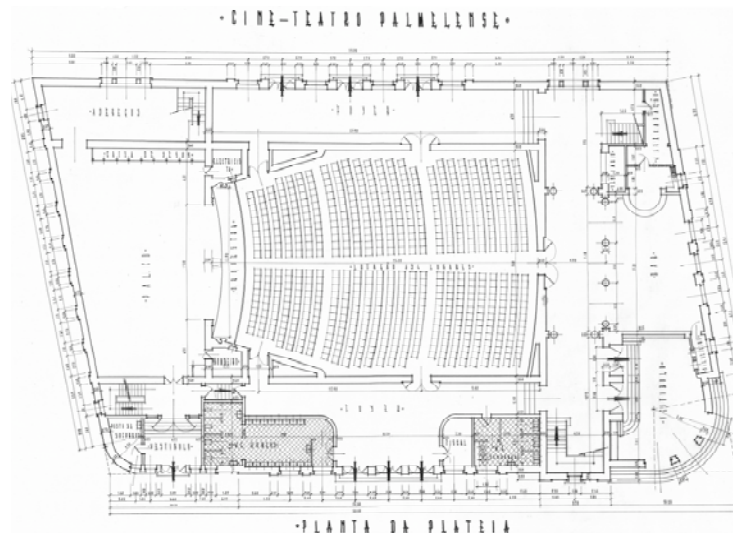




Bocage – Setúbal

Projectado para o centro da cidade de Setúbal, uma cidade com grandes dimensões e maior urbanidade, o cinema teatro *Bocage* ganha uma escala maior e carácter mais cosmopolita, fazendo lembrar a composição exterior do cine-teatro *Avenida* em Aveiro.

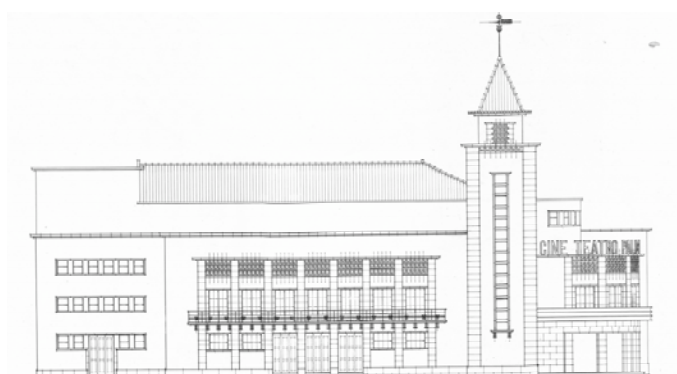
A sua torre com esfera armilar, a simetria das composições e o ritmo de vãos verticais conferem um carácter monumental ao edifício, ainda que suavizado pelos vãos circulares, pela linearidade das formas e articulação dos volumes.

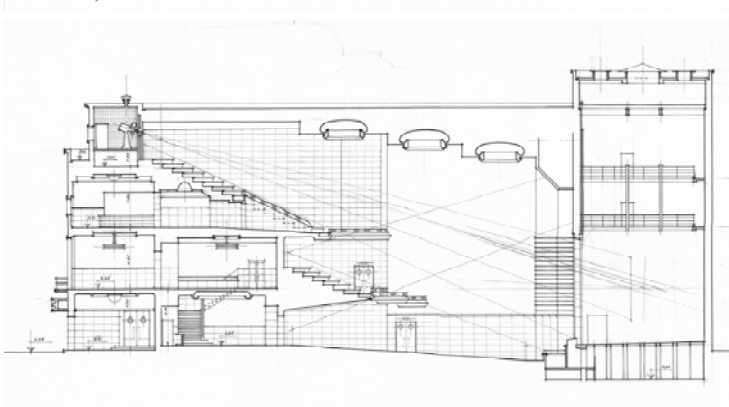
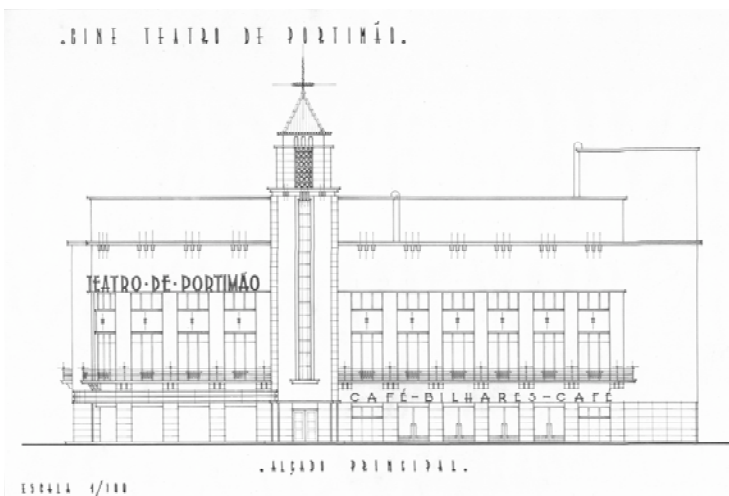
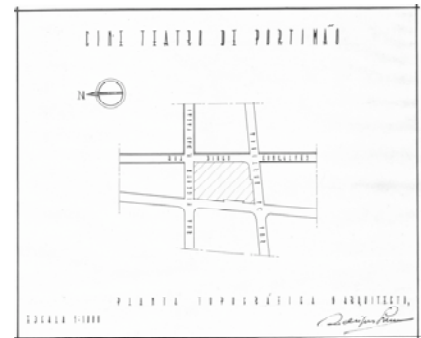
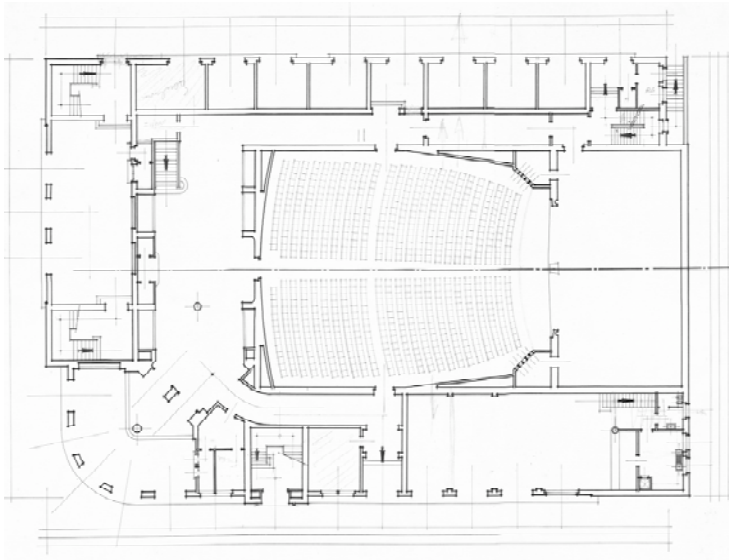


Parmelense – Palmela

Destinado a servir a população da vila de Palmela até aqui sem casa de espectáculos e localizado numa zona nova, que se encontra em expansão, o cine-teatro *Parmelense* vai adquirir uma escala exagerada, de modo a encerrar o quarteirão e criar frente para a nova praça.

Tratando-se de uma povoação de pequena dimensão e com um carácter mais rural, o novo cine-teatro vai personificar a vertente mais regionalista do estilo nacional, com torre encimada por coruchéu, composição simétrica, vãos e guardas trabalhadas, como tão bem sabia fazer Rodrigues Lima.





Cine-teatro de Portimão

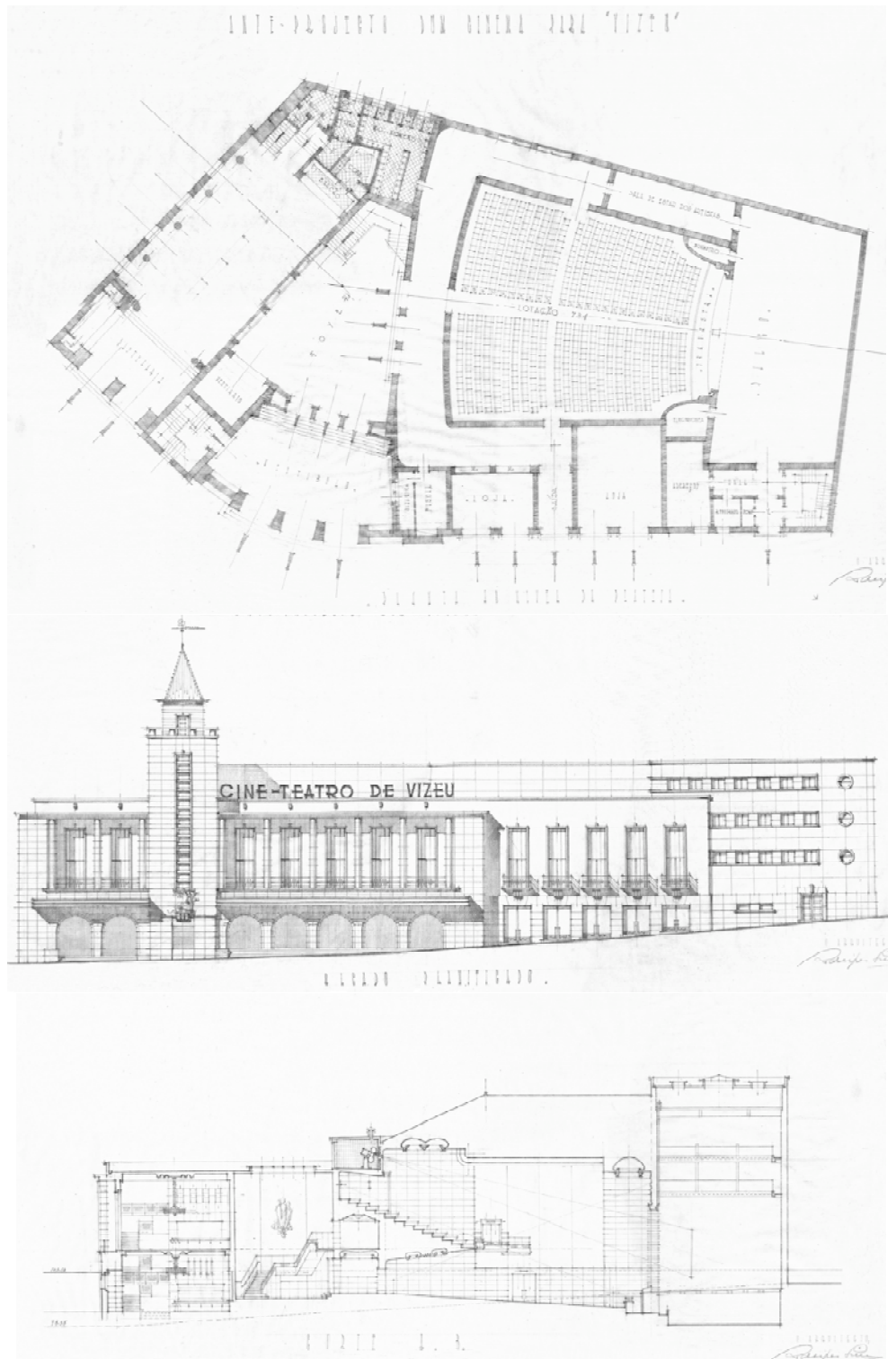
Ocupando a totalidade de um quarteirão no centro de Portimão, este cine-teatro ganha igualmente uma grande escala, sendo, no entanto, evidente uma hesitação ao nível da linguagem utilizada. A uma composição formal mais moderna, com predominância de linhas rectas, sobrepõem-se alguns elementos como a torre e as varandas trabalhadas por forma a transmitir um cunho nacional ao edifício.

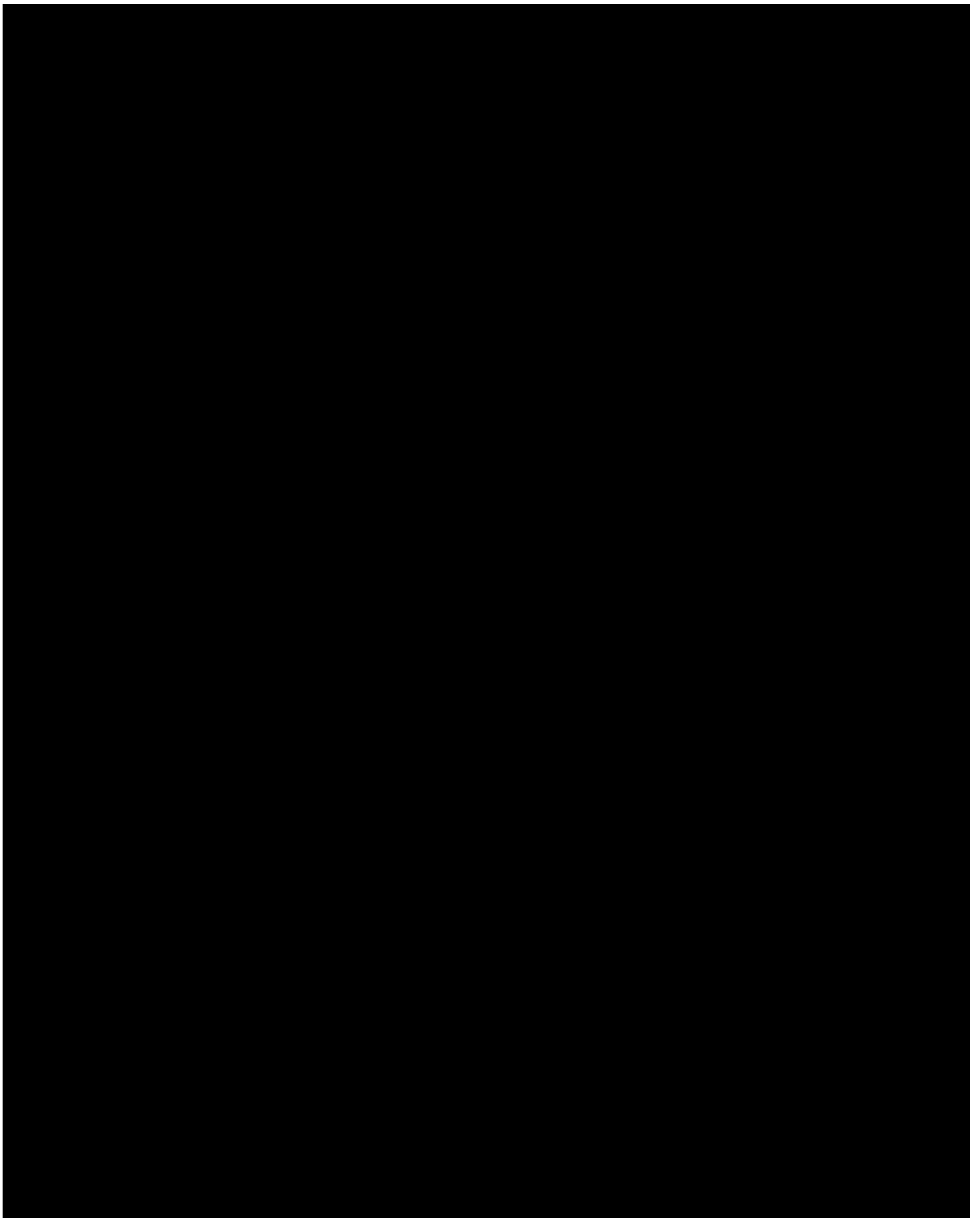
A disposição interna, mais clara e funcional e a integração de outros estabelecimentos no mesmo edifício, conferem ao edifício um carácter mais actual.

Cine-teatro de Viseu

O cine-teatro de Viseu, destinado a servir uma cidade de média dimensão, numa zona interior do país, mais próxima do meio rural, vai-se aproximar bastante da configuração global do *Covilhanense*, fazendo uso dos mesmos materiais característicos da região, dos mesmos princípios compositivos e até dos mesmos elementos decorativos, com vista a um melhor enquadramento no local.

A própria organização espacial, com entrada principal no gaveto, foyer de representação com triplo pé-direito e ainda a integração de estabelecimentos comerciais que comunicam directamente com o exterior, revela grande proximidade com a solução apresentada no *Covilhanense*.





BIBLIOGRAFIA

Livros e artigos

- AAVV, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Ippar, Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.
- AAVV, *Cultura: origem e destino do Movimento Moderno – Equipamentos e infra-estruturas culturais 1926- 1965 – Actas do IIIº DOCOMOMO Ibérico*, Barcelona: Tecnogral, 2002.
- AAVV, *Portugal – Arquitectura do século XX*, Lisboa, Portugal-Frankfurt, 1997
- AAVV, *Teatro Micaelense*, Teatro Micaelense, Centro Cultural de Congressos, Ponta Delgada, 2004.
- ACCIAIUOLI, Margarida, *Cinemas de Lisboa – Um Fenómeno Urbano do Século XX*, (Tese de Mestrado), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1982. (policopiado).
- ACCIAIUOLI, Margarida, “Cinemas de Lisboa: um património à deriva”, in *a revista*, Expresso, 15 Novembro, 1986
- ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel, “A Arquitectura Moderna” in *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1986, vol14.
- BANDEIRA, José Gomes, *Porto: 100 anos de cinema português*, Edição da Câmara Municipal do Porto,
- BANDEIRINHA, José António Oliveira, *Quinas Vivas – Memórias Descritivas de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*, Trabalho de síntese realizado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Coimbra, ed. do autor, 1993.
- BERGAN, Ronald, *Cinema year by year, 1894-2000*, A Dorling Kindersley Book, Londres, 2000
- BETTON, Gerard, *História do Cinema: das origens até 1986*, Colecção Saber, Edições Europa-América, Mem Martins, 1989
- CALDAS, João Vieira, “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo” in AAVV, *Arquitectura do Século XX. Portugal*, Prestel, Deutsches Architektur-Museum, 1997
- CALDAS, João Vieira, “Fragmentos de um discurso moderno” in AAVV, *Cultura: origem e destino do Movimento Moderno – Equipamentos e infra-estruturas culturais 1926- 1965 – Actas do IIIº DOCOMOMO Ibérico*, Barcelona: Tecnogral, 2002.
- CALDAS, João Vieira, *Porfirio Pardal Monteiro – Arquitecto*, A.A.P.- Secção Regional Sul, Lisboa, 1995

- CAPITEL, Antón, “1925-1965: diversidad urbana de los edificios culturales en el ámbito ibérico” in AAVV, *Cultura: origem e destino do Movimento Moderno – Equipamentos e infra-estruturas culturais 1926- 1965 – Actas do IIIº DOCOMOMO Ibérico*, Barcelona: Tecnogral, 2002.
- CAVALLÉ, Mario, *Tecnica delle costruzioni di Cinema e Teatri*, Gorlich Editore Milano, 1955
- COSTA, Henrique Alves, *Os Antepassados de Alguns Cinemas do Porto*, Instituto Português de Cinema, Cinemateca Nacional, Lisboa, 1975.
- COSTA, João Bénard da, *Histórias do Cinema, sínteses da cultura portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, volume 1, Quimera Editores, Lisboa, 1987
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, volume 2, Quimera Editores, Lisboa, 1990
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, volume 7, Quimera Editores, Lisboa, 2001
- FERNANDES, José Manuel, *Cinemas de Portugal*, Edições Inapa, Lisboa, 1995.
- FERNANDES, José Manuel, “Equipamentos e infra-estruturas nos antigos “territórios do ultramar”, o caso de Angola (1925-1965)”, in AAVV, *Cultura: origem e destino do Movimento Moderno – Equipamentos e infra-estruturas culturais 1926-1965 – Actas do IIIº DOCOMOMO Ibérico*, Barcelona: Tecnogral, 2002.
- FERNANDES, José Manuel, *Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo*, Departamento de estudos do IPPAR, Lisboa, 2003.
- FERNANDES, José Manuel, *7 anos de Lisboa: 1997 – 2004 (Arquitectura, Património, Urbanismo, Polémicas)*, Coleção Cidade de Lisboa, Livros Horizonte, Lisboa, 2005.
- FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio, “A Arquitectura do Fascismo em Portugal”, in *Arquitectura*, nº142, 4ª série, Lisboa, Julho 1981, p.38-49.
- FERNANDEZ, Sérgio, *Percorso – Arquitectura portuguesa 1930-1974*, publicações FAUP, Porto, 1988.
- FRAMPTON, Kenneth, *História crítica da arquitetura moderna*, Martins Fontes, São Paulo, 2003
- FRANÇA, José Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX 1911-1961*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1974.

- FRANÇA, José Augusto, *O Modernismo na Arte Portuguesa*, Coleção Biblioteca Breve, 2ª ed. Lisboa, ICLP, 1983
- FRANÇA, José Augusto, “Arquitectura do Estado Novo 1930-1948”, in *Arquitectura*, nº142, 4ª série, Lisboa, Julho 1981, p.18-19
- GONÇALVES, José Fernando, *Ser ou não ser moderno – Considerações sobre a arquitectura modernista portuguesa*, Coimbra, Edições do departamento de arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2002.
- GONÇALVES, José Fernando, “Cinema Batalha” in AAVV, *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*, ed. Civilização, Porto, 2001.
- JONES, Peter Blundell, *Gunnar Asplund*, Phaidon, Londres, 2006.
- LACLOCHE, Francis, *Architectures de Cinemas*, Éditions du Moniteur, Paris, 1981.
- NUNES, António Manuel, *Espaços e Imagens da Justiça no Estado Novo – Templos da Justiça e Arte Judiciária*, Coleção Minerva-História, Edições MinervaCoimbra, Coimbra, 2003.
- PEDREIRINHO, José Manuel, “A arquitectura portuguesa do Fascismo ao Estado Novo (1) – A arte reflecte a ideologia” in *História*, nº45, Sá da Costa Editora, Lisboa, Junho 1982, p. 2-10.
- PEDREIRINHO, José Manuel, *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, ed. Afrontamento, Porto, 1994
- PEREIRA, Nuno Teotónio, “A Arquitectura de Regime, 1938-1948” in AAVV, *Arquitectura do Século XX. Portugal*, Prestel, Deutsches Architektur-Museum, 1997
- PINTO, Paulo Tormenta, *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitectura e artifício*, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007
- PORTAS, Nuno, “A evolução da arquitectura moderna em Portugal”, in ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, vol II., Lisboa, Editora D. Quixote, 1984
- RIBEIRO, M. Félix, *Os Mais Antigos Cinemas de Lisboa 1896-1939*, Instituto Português de Cinema, Cinemateca Nacional, Lisboa, 1978
- RODOLFO, João de Sousa, *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*, Ed. D. Quixote, Lisboa, 2002.
- SALGADO, Manuel, *Teatro Micaelense*, in AAVV, *Teatro Micaelense*, Teatro Micaelense, Centro Cultural de Congressos, Ponta Delgada, 2004.
- SEABRA, Augusto M., “Cinemas: dos maxi aos mini”, in *a revista*, Expresso, 15 Novembro, 1986

- TOSTÕES, Ana, “Arquitectura Portuguesa do Século XX”, in *História da Arte Portuguesa*, direcção de Paulo Pereira, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 1995, 3º volume, pp.507-528
- TOSTÕES, Ana, “Coliseu do Porto”, in AAVV, *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*, ed. Civilização, Porto, 2001
- VETTER, Andreas, “Refuges d’illusions techniques: deux salles de cinema de Paul Auscher”, in *Architecture et Arts du Spectacle*, n°17-18, Paris, ed. Ha, 1992, pp.53-63
- WILSON, Anthony, *Design for Leisure Entertainment*, Butterworths & Co Ltd, Londres, 1980
- ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, vol I., Lisboa, Editora D. Quixote, 1984

Memórias Descritivas

- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva do projecto para o cinema “Cinearte”*, in Processo de Obra n°52631 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1939
- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva e justificativa do projecto da casa de espectáculo Império a construir em Lagos*, Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima
- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva e justificativa do projecto do cine-teatro Avenida a construir em Aveiro*, Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima
- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva e justificativa do projecto para a construção de uma sala de espectáculos na Praça Duque de Saldanha, em Lisboa*, in Processo de Obra n° 1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1944
- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva e justificativa do projecto de uma sala de espectáculos a construir na cidade de Nova Lisboa*, Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima
- LIMA, Raul Rodrigues, *Memória descritiva e justificativa do ante-projecto do cine-teatro Micaelense a construir em Ponta Delgada*, Espólio do Arquitecto Raul Rodrigues Lima

Processos de Obra

- Processo de Obra do cinema Cinearte, n°52631 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1939
- Processo de Obra do Monumental, n°1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1945
- Processo de Obra do cinema Europa, n°22710 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1963

Provas académicas

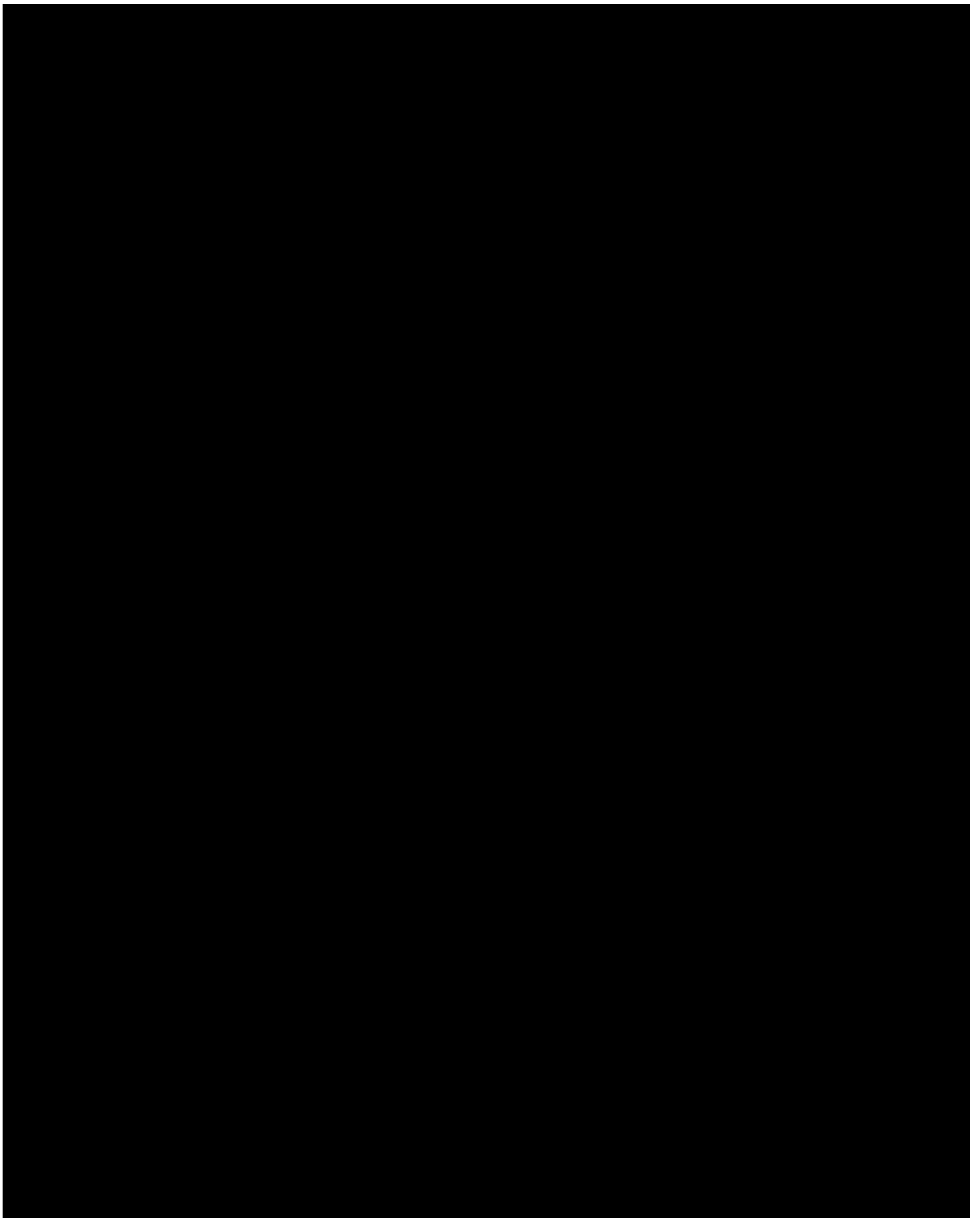
- CALOR, Inês Alhandra (2004), *Reabilitação de Cêneas Modernistas – Caracterização do contexto urbano ibérico*, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, FAUP, 2004
- CRUZ, Sara, *A arquitectura da Avenida: a construção da Avenida Dr. Lourenço Peixinho em Aveiro*, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006
- MESTRE, Margarida, *Evolução urbana e urbanística da cidade da Covilhã*, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006
- ROCHA, André, *Cêneas – Evolução arquitectónica em Portugal*, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005

Revistas

- *A Revista*, in *Jornal Expresso*, 15 Novembro de 1986
- Revista *Arquitectura*, Lisboa, n°23, Fevereiro de 1932
- Revista *Arquitectura*, Lisboa, n°142, 4ª série, Julho 1981
- Revista *Arquitectura*, Lisboa, n°144, 4ª série, Dezembro de 1981
- Revista *Arquitectura*, Lisboa, n°152, Maio / Junho 1984
- Revista *Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, Lisboa, n°39, Junho de 1938
- Revista *Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, Lisboa, n°43, Junho de 1938
- Revista *Espaço e Design*, n°31, Abril / Maio 2003
- Revista *Espaço e Design*, n°34, Out / Nov 2003
- Revista *L'architecture d'aujourd'hui*, n°9, Setembro 1938
- Revista *L'architecture d'aujourd'hui*, n°23, Maio 1949
- Revista *Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, n°12 de Janeiro de 1940

Endereços electrónicos

- arquivomunicipal.cm-lisboa.pt (08.06.2008)
- www.cinemasdoporto.com (24.05.2008)
- www.cinetatroestarreja.com (18.11.2007)
- www.monumentos.pt (08.06.2008)
- www.teatromicaelense.pt (20.01.2008)
- www.visual-media.be (13.02.2008)
- cm-pontadelgada.azoresdigital.pt (20.01.2008)
- www.nossoskimbos.net (08.06.2008)



FONTES DAS IMAGENS

Introdução

De autor – Fig.3

Gentilmente cedida por Gustavo Lima – Fig.2

www.monumentos.pt – Fig.1

1.1. Uma casa para a sétima arte

BANDEIRA, José Gomes, *Porto: 100 anos de cinema português*, Edição da Câmara Municipal do Porto, 1996 – Figs.72, 73, 88, 89

BERGAN, Ronald, *Cinema year by year, 1894-2000*, A Dorling Kindersley Book, Londres, 2000 – Figs.7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 32, 33

DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, Quimera Editores, Lisboa, 1987
Figs.68, 86, 87, 91

FERNANDES, José Manuel, *Cinemas de Portugal*, Edições Inapa, Lisboa, 1995.
Figs.77, 78, 80, 81, 83, 84

JONES, Peter Blundell, *Gunnar Asplund*, Phaidon, Londres, 2006 – Figs.64, 65, 66

LACLOCHE, Francis, *Architectures de Cinemas*, Éditions du Moniteur, Paris, 1981
Figs.5, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67

arquivomunicipal.cm-lisboa.pt – Figs.69, 70, 71, 74, 75, 76, 79, 82, 85, 90

www.visual-media.be – Figs.1, 2, 3, 4, 6, 9, 30

1.2. Para um programa novo, uma arquitectura nova

AAVV, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Ippar, Ministério da Cultura, Lisboa, 2004 – Figs.2, 3, 8, 9

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel, “A Arquitectura Moderna” in *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1986, vol14.
Figs.4, 5

FERNANDES, José Manuel, *Cinemas de Portugal*, Edições Inapa, Lisboa, 1995.
Figs.32, 33, 34, 35, 36, 37

GONÇALVES, José Fernando, “Cinema Batalha” in AAVV, *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*, ed. Civilização, Porto, 2001. – Figs.42, 43, 44, 45, 46, 47

LACLOCHE, Francis, *Architectures de Cinemas*, Éditions du Moniteur, Paris, 1981
Figs.10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

PINTO, Paulo Tormenta, *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitectura e artefacto*, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007 – Figs.1, 6, 7, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 40

RODOLFO, João de Sousa, *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*, Ed. D. Quixote, Lisboa, 2002. – Figs.23, 24, 25

TOSTÕES, Ana, “Coliseu do Porto”, in AAVV, *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*, ed. Civilização, Porto, 2001 – Figs.38, 39, 41

2.1. Cinearte, um cinema internacional

De autor – Figs.8, 9, 17, 18, 19, 25

LACLOCHE, Francis, *Architectures de Cinemas*, Éditions du Moniteur, Paris, 1981
Figs.15, 16, 29, 30

PINTO, Paulo Tormenta, *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitectura e artefacto*, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007 – Fig.28

Processo de Obra do cinema Cinearte, nº52631 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1939 – Figs.1, 3, 4, 5, 6, 10, 12, 24

Revista Espaço e Design, nº31, Abril / Maio 2003 – Fig.23

Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, nº12 de Janeiro de 1940 – Figs.2, 7, 11, 13, 14, 20, 21, 22, 26

www.monumentos.pt – Fig.27

2.2. A lei dos “cine-teatros” e a mudança de rumo

Câmara Municipal da Mealhada – Figs.108, 109, 110, 111, 112

Citeav – Figs.16, 18, 19, 20, 21, 29, 30, 35, 36, 37, 38

De autor – Figs.4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 39, 86, 87, 89, 93, 95, 96, 99, 105, 106, 107, 113, 114, 115, 116

Espólio do Arq. Rodrigues Lima, digitalização de autor – Figs.3, 5, 8, 9, 10, 54,

55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 88, 90, 91, 98, 100, 101, 102, 103, 104

DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, Quimera Editores, Lisboa, 1987
Figs.41, 47

FERNANDES, José Manuel, *Cinemas de Portugal*, Edições Inapa, Lisboa, 1995.
Figs.15, 48, 49, 53, 69, 75, 76, 94

Processo de Obra do Monumental, n.º1 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1945
Figs.40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 52

blogdaruanove.blogs.sapo.pt – Figs.1, 2

cm-pontadelgada.azoresdigital.pt – Figs.67, 68

www.monumentos.pt – Figs.17, 82, 83, 92, 97

www.nossoskimbos.net – Figs.57, 58, 65

2.3. A retoma da modernidade: o cinema Europa

AAVV, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Ippar, Ministério da Cultura, Lisboa, 2004 – Figs.2, 8

De autor – Fig.5

Processo de Obra do cinema Europa, n.º22710 do Arquivo Municipal de Lisboa, 1963 – Figs.1, 3, 4, 6, 7, 9, 10

Conclusão

AAVV, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Ippar, Ministério da Cultura, Lisboa, 2004 – Fig.5

FERNANDES, José Manuel, *Cinemas de Portugal*, Edições Inapa, Lisboa, 1995.
Fig.4

PINTO, Paulo Tormenta, *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitectura e artificio*, Caleidoscópico-Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007 – Figs.2, 3

www.monumentos.pt – Fig.1

Anexos

Desenhos do espólio do Arq. Rodrigues Lima, digitalização de autor